

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

Secretário

José Joaquim Gaita

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

Editor

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º

LISBOA, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1940

N.º 3

AOS IRMÃOS DO BRASIL

por Isidoro Duarte Santos

Meus prezados irmãos em crença :

[ESTA carta é mais confissão, que narrativa, e por isso vos peço a delicadeza da vossa atenção. ¡Quem dera que pudesse tornar-me compreendido! Penetrai bem no sentido das minhas palavras simples, mas cheias de entusiasmo, cheias de esperança no progresso do Espiritismo, de que sou o último dos arautos. Prouvera a Deus conseguisse transmitir-vos o anseio que me vai na alma, a alegria que me domina, ao falar de assunto que me é tão querido!

Prometi a mim mesmo que escreveria aos meus irmãos do Brasil, levando-lhes as saudações de Aquém-Atlântico, as saudações de tantos irmãos que conhecem a vossa obra, e aqui estou ante vós a penitenciar-me do arrojado cometimento, da temeridade da empreza, sem dúvida superior às minhas possibilidades. Aqui estou, irmãos, para vos dizer, em linguagem de amigo, toda a admiração que os espiritas lusitanos sentem pelos triunfos dos seus irmãos brasileiros, tão generosos, tão magnânimos, tão cientes das responsabilidades contraídas, que dificilmente haverá quem os iguale, quanto mais exceda, em altruísmo

e compreensão do seu papel de pioneiros do Bem, escudados em virtudes excelsas, que são o móbil principal de suas vitórias.

Aqui estou, inteiramente convencido da vossa dedicação inexcedível, maravilhado com o anelo que votais a todas as ideias elevadas e a rapidez com que as materializais, embora semelhantes realizações, pela sua grandeza, pareçam a muita gente inacreditáveis.

¡Mas, não! Quando os projectos são inspirados pelo Alto, quando vai neles a alma, em volutas de fé, em vibrações de amor e caridade, não valem obstáculos, que servem, em geral, de estímulo salvador, porque obrigam a esforços admiráveis.

O Centro Espiritualista Luz e Amor não alimenta desmarcados planos, pois deseja viver modestamente e trabalhar segundo as energias de que dispõe. Entendeu, no entanto, que esta carta fôsse escrita para essa terra maravilhosa, no veemente afã de estreitar os laços espirituais que nos unem, extinguindo para sempre um desconhecimento mútuo que tem tocado as raias do inverosímil.

Portugal e Brasil são duas sentinelas do Atlântico, duas guardas-avançadas duma ci-

vilização que marcou e continuará a marcar na história das nações heróicas e cavaleirescas. Devem, pois, dar as mãos e marchar para novos rumos, em busca de conquistas novas, não de armas aperradas e ciosas de poderio, mas empunhando bandeiras brancas de paz e entoando legendas de renúncia à violência que está na moda e ensanguenta dois terços da velha Europa.

Desconhecemo-nos, propositadamente, é menosprezar os benefícios da comunhão de pensamentos, tão necessária nesta conjuntura, em que as raças afins tentam aproximações económicas e culturais em ânsia de expansão que deixa a perder de vista a política dos séculos transactos.

Assim, quando em Portugal fundamos uma revista de Espiritismo, imediatamente evocamos o Brasil, onde procuramos excelentes colaboradores, solícitos aos nossos rogos, porque os seus escritos nos trazem a camaradagem esplêndida, o abraço sincero, a certeza de que podemos contar com eles. E não há nada mais benéfico do que esta companhia honrosa, que não trai, que não alimenta ideias inconfessáveis e que, pelo contrário, é a prova inequívoca dos grandes milagres do Espiritismo.

¿ Haverá, porventura, coisa mais bela, mais edificante do que a harmonia resultante da afinidade espiritual que liga duas criaturas? Não há, certamente. Disso estão convencidos todos aqueles que se entregaram ao trabalho de espalhar a Doutrina, pela palavra e pela pena, num campo ou noutro, entre humildes ou opulentos. Encontrar uma alma que vibre na frequência em que vibramos é precioso achado que vem aumentar o entusiasmo que nos impulsiona.

Eis por que escrevo esta carta. A minha missão é procurar amigos dedicados e concertar com eles a maneira de sermos úteis ao Espiritismo, pela intensificação de pensamentos bons que fortaleçam os nossos laços de amizade, prolongando-os para além da morte, se possível. E assim tomo parte na propaganda em que estais empenhados e carrego uma pedra para o edifício que desejais erguer, à força de atitudes elevadas. Venho juntar a voz às vossas vozes, para que o cântico aumente de volume; venho trazer-vos a certeza de que a vossa obra é imortal e transcende o limite das vossas fronteiras geográficas.

* * *

Não vale a pena repetir aqui a parábola do molho de varas. Melhor a conheceis do que eu. Ela é, porém, o símbolo de quanto vale a união dos homens, principalmente quando um grande ideal os liga, quando uma doutrina como a nossa os concita e os atrai.

O homem prudente não despreza qualquer auxílio, por mínimo que seja. Da união de todos é que resulta a força colimada. Assim pensando, assim agindo, o verdadeiro espirita fortalece, pouco a pouco, a sua obra, lançando apêlos e nada repelindo do que possa consolidar aquilo que se pretende erguer. Busca adeptos e não prosélitos. Os primeiros são esteios utilíssimos, sem os quais não vingam as causas, por mais nobres que sejam; os segundos são ramagem frondosa que o menor sopro desmantelada e vergasta. Nós queremos adeptos operosos e honestos, dispostos ao sacrifício comum, que propaguem o ideal de sorriso nos lábios e recebam os motejos com a serenidade própria de espíritos fortes, a quem não atingem vilipêndios, nem opróbrios. Queremos adeptos espontâneos, que venham pelo raciocínio, depois de estudarem e meditarem e compreenderem que o Espiritismo não é dogmático, não faz imposições, não cerceia a liberdade individual e muito menos constrange quem quer que seja a crer num só dos seus postulados. Isso fica à consciência de cada um, pois quando a verdade é evidente, quando ela se instala na consciência e afirma, tenazmente, o seu prestígio grandioso, o homem não pode fugir ao seu influxo.

Às vezes, para obedecer ao que alguns chamam de coerência, teima-se em manter ideias falsas e absurdas, que não resistem à menor discussão. Mas essa ginástica cerebral não dura sempre e o que é infundado é transitório, está condenado irremediavelmente.

O adepto sincero é senhor de arma certa, com que vai minando o velho reduto materialista. Com esse instrumento eficaz e um pouco de senso prático usado oportunamente, enfrenta a dialética dos letrados, a retórica dos falaciosos. Porque não há obstáculos que valham, quando os argumentos são irresponsáveis. E os nossos argumentos são de tal modo consistentes, possuem tão inquebrantável solidez, que os adversários, ou encolhem os ombros, ou batem em retirada.

O nosso Centro e a nossa revista desejam pôr em prática a parábola a que há pouco me referi.

¿ Poderemos nós conseguir tão alto objectivo? O nosso entusiasmo cresce dia a dia, porque dia a dia sentimos à nossa volta maior número de elementos que não deixam extinguir o fogo sagrado que nos invade, inteiramente, o coração. Tenho, pois, esperança, a mais arreigada esperança de que a confraternização luso-brasileira será um facto, mais ou menos distante. Tudo depende das circunstâncias e da maneira como encaminharmos os nossos passos.

Nós conhecemos, mais ou menos, a obra das vossas federações, através dos seus órgãos de propaganda. Temos ouvido falar nesses ninhos de amor, onde a infância desvalida e a velhice desamparada encontram caridoso auxilio, mercê de generosos protectores que fazem da filantropia o seu lema de todos os instantes.

Nós também temos ideas generosas, que desejamos dinamizar, logo que os nossos recursos o permitam. E nenhum molde nos poderá servir melhor do que o vosso, por motivos vários, o primeiro dos quais assenta na igualdade de raças que procedem do mesmo tronco genealógico.

Conhecemos, da mesma forma, o desinteressado trabalho dos vossos médiuns e a estoicidade com que encaram as perseguições malévolas de irmãos desconhecedores do verdadeiro sentido da mediunidade. Graças a Deus, há justiça nessa terra, porque os tribunais absolvem os réus injustamente acusados e os amigos do Alto continuam a transmitir os seus fluidos curadores, na faina de aliviar o sofrimento humano. Não é sem motivo que o espírito de Humberto de Campos chama ao Brasil a «Pátria do Evangelho», onde os discípulos do Cristo se encontram representados em magníficos instrumentos que tão bem sabem exemplificar os preceitos que eternizaram o Meigo Nazareno.

Sim! Os vossos médiuns, os vossos verdadeiros médiuns, são os mais lidimos expoentes da revelação espirita.

Nesta altura, quero salientar o gesto do Dr. Inácio Ferreira, Director do Sanatório Espirita de Uberara, confessando a sua inferioridade, em relação aos médiuns do mesmo

Sanatório, os quais, sendo quâsi analfabetos, conseguiram, com seus passes e suas preces, dar lições edificantes a um cientista de reconhecida autoridade profissional. Desde então, o clínico transformou-se em apóstolo do Espiritismo.

¿ Onde poderíamos encontrar depoimento mais valioso e autorizado e que melhor exteriorizasse o pensamento dum sábio que aportou ao Espiritismo, em virtude de factos irrefragáveis, de que a sua inteligência não podia duvidar um só momento? ¿ Onde poderíamos encontrar depoimento mais oportuno para justificar a necessidade de expandir a doutrina, de a levar aos mais ignorados recantos do globo?

O Dr. Inácio Ferreira, com a sua attitude desassombrada, deve ter atraído muita gente às nossas fileiras e os seus artigos devem ser transcritos por todos os jornais e revistas que defendem a Causa.

* * *

Voltando, porém, ao assunto desta carta, quero referir-me à obra que serve de cúpula ao edificio que erguestes e que está a produzir sazonados frutos.

Em meu entender, a criação de escolas espiritas é a obra mais importante de quantas tendes realizado.

Os asilos são úteis, os sanatórios são necessários. Mas a escola é mais do que necessária e útil: é indispensável.

Já dizia Danton que «depois do pão, a educação é a primeira necessidade do povo». Não se podem modificar os costumes, não se pode alterar a estrutura social, sem o auxilio da escola, sem o concurso desse obreiro humilde que é o professor primário. A escola é o laboratório onde se plasmam as almas, onde se prepara a juventude para os combates do porvir. Os conhecimentos bebidos no ensino das primeiras letras abrem sulcos profundos na memória e nada consegue apagá-los, durante a vida planetária. Estão sempre presentes, como se fôsem de ontem, como se fôsem de hoje, como se fôsem de há um instante.

Prègar doutrina aos adultos é coisa meritória; mas prègá-la às crianças, na idade escolar, doutrina que sirva de orientação na vida e que facilite a aquisição de virtudes imperecíveis, doutrina que exalte, que nobi-

lite o progresso e liberte a idea de Deus de incongruências que não devem ser impostas à humanidade; prègar esta doutrina, difundi-la entre os pequeninos, para que aprendam a amar a Deus e se habituem a raciocinar como homens livres, é tarefa que todos devemos abraçar, incondicionalmente.

Por isso, meus irmãos brasileiros, eu enalteço o vosso esforço educativo e o tenho proclamado aos quatro ventos, em muitos artigos vulgarizadores, em jornais e revistas europeus. Por isso, eu defendo e preconiso a vossa orientação doutrinária, de efeitos positivos e dignos de admiração, capazes de estimular beneméritos e fortalecer os timoratos que encaram a vida e a morte, como se ambas fossem visões aterradoras: a primeira, pelos obstáculos que levanta; a segunda, pelos quadros com que amedronta.

Vós procurais o meio termo em tudo, porque no meio termo está a verdade.

O Espiritismo é campo tão vasto, assume aspectos tão variados, tão estranhos cambiantes, que tôdas as ciências nele cabem, porque êle está ligado a tôdas as ciências. Podem vir os sábios, com os seus cadinhos. Têm cá muito e muito que estudar. E se vierem com boas intenções, prestes reconhecerão que aportaram a uma filosofia sem retórica, que dá as mãos à ciência, a quem fornece elementos de estudo sério, digno de preocupar as mais doudas academias.

Mas a beleza que se desprende da sua moral é qualquer coisa de atraente e consolador, tão consolador e atraente, que até os criminosos nela encontram motivos de contrição, de renúncia ao mal, de abandono dos caminhos tortuosos, em que deram largas ao instinto, esquecendo a voz da consciência.

Vós procurais o meio termo destes dois extremos e conseguis o que raros conseguem e que não é mais necessário encarecer, neste momento.

* * *

Meus irmãos espirituais:

Permiti que me refira também à colónia portuguesa, que é das mais importantes, quer pelo número, quer pelos serviços prestados ao Brasil, cuja bandeira respeita e cujo prestígio fortalece com o seu trabalho probo e constante. Esse punhado de lusitanos que aí

mourejam, que aí estabeleceram seus lares, aí criaram e educaram os filhos, não esquecendo nunca a terra que os viu nascer, são do melhor que existe na nossa raça. Para êles, pois, as minhas saudações, as saudações do Centro Espiritualista Luz e Amor, que nutre por êles a maior admiração, não olvidando que dêles nos vieram auxílios preciosíssimos, sem os quais não poderíamos levar a bom termo a nossa missão.

Assim, impossível me seria esquecê-los nesta Carta escrita ao sabor das espontâneas impressões que me brotam do espírito.

Os confrades portugueses residentes no Brasil constituirão uma espécie de guarda-avançada que saberá manter o affecto que nos liga aos espiritas de Santa-Cruz. Desejamos viver com êles e para êles, visto conhecermos a sua índole, a sua fé, a sua tenacidade, capazes de realizações inconcebíveis. Êles têm mantido hospitais, têm construído escolas modelares, jardins, parques, estradas, marcos fontenários, tudo, enfim, que traduz progresso e amor à sua terra e representa generosidade simples, que tanto nobilita quem a exerce, como êles a têm exercido. Estou certo, pois, de que aplaudirão, com a maior simpatia, os nossos desejos de confraternização.

* * *

Estais inteirados dos fins e razão da minha carta. Se lestes as minhas palavras, se as medistes e compreendestes, na singeleza que revestem, sabeis que estais em presença de alguém que não vos é de todo desconhecido, dalguém que vibra no mesmo sentimento fraternal, na mesma ânsia de progresso que vos domina a todos.

A vossa aspiração é a minha aspiração, o vosso fim é o meu fim. Portanto, somos soldados das mesmas fileiras, mineiros da mesma galeria, dispostos ao sacrifício que ennobrece e à dor que purifica.

A fé do apostolado é couraça contra a qual se voltam as flechas ervadas da impotência. Quando se tem fé, quando se sabe querer, quando se é animado de energias indomáveis, os obstáculos desaparecem, como por encanto, e não há barreiras, por mais íngremes, que se esquivem à influência dos nossos passos. A tôda a parte chegamos e em tôda a parte exercemos a nossa influência. A ques-

tão é haver paciência, a questão é haver tenacidade.

E a nossa situação é especialíssima, porque temos a escudar-nos uma falange de espíritos bemfazejos que não deixam extinguir a fé a que me referi. Eles querem modificar a sociedade pela intuição de ideias moralizadoras e construtivas e servem-se de nós para a efectivação de tal desejo. Não temos, pois, que recear quaisquer ataques, venham donde vierem.

Esta é a nossa grande força. É ela que tem ateado o fogo da nossa propaganda. Sem ela, nada teríamos feito de útil, devido à grandeza dos obstáculos. Com ela, as próprias montanhas se reduzem a simples outeiros, franqueáveis aos mais inexperientes.

Esta é a nossa grande força. Podemos, até, dizer que dela depende o triunfo da Causa, visto que os bons espíritos estão alerta e imprimem coesão ao nosso movimento espiritualista.

Com tão magníficos esteios, não há peleja que se não vença, não há dificuldade que se não transponha.

A crise é grave e a doutrina espírita atravessa um período em que toda a dedicação será pouca, senão soubermos unir-nos como um só homem e trabalhar desinteressadamente, mesmo sob os doestos da turba ignara, para quem ainda não soou a hora da redenção espiritual.

Sejamos, pois, unidos. Formemos muralha inexpugnável, para que as ideias retrógradas

não alimentem pruridos de hegemonia e recolham, eternamente, à poeira das criptas donde saíram e onde deviam repousar, como objectos de museu.

O caruncho do passado não pode enfrentar a luz do presente e o sol do porvir. E nós, os arautos, os pregoeiros da Revelação Nova que há de transformar o mundo e regenerar o homem, assumiríamos a mais condenável atitude, se contemporizássemos com as velharias que pretendem entravar a marcha ascensional das gerações novas e relegá-las a épocas pre-históricas.

* * *

Para terminar, sabeis que o Centro Espiritualista Luz e Amor e o seu órgão *Estudos Psíquicos* vos estendem os braços, por sobre as águas claras do Atlântico. Este abraço não é protocolar, não obedece a fórmulas preconcebidas, que não estão no ânimo dos que tanto vos admiram e estimam, procurando imitar os vossos exemplos, seguir as pegadas de quem bem merece da nossa ideologia. Esse abraço é semelhante ao do irmão ausente que regressa ao lar, após muitos anos de luta pelas sete partidas do mundo. É um abraço veemente, em que pomos toda a alma, em que vai a nossa maior aspiração, o nosso mais sentido anelo. Podeis recebê-lo confiadamente, pois confiadamente vô-lo transmite o vosso humilde servo

Isidoro Duarte Santos

Princípios doutrinários do Espiritismo

Pelo Dr. Gustave Geley

O universo inteiro, no mínimo e no máximo, está sujeito a uma evolução constante e progressiva.

Há evolução para o princípio material; há evolução para o princípio psíquico.

*

A base da evolução, a alma é um simples elemento de vida, uma inteligência em germe. É a força difusa que associa e mantém as moléculas minerais numa forma definida.

*

No cimo da evolução, a Alma é um princípio vivo, consciente e livre, guardando apenas, da sua associa-

ção à matéria, o mínimo orgânico necessário à conservação da sua individualidade.

*

No decurso da sua evolução progressiva, a Alma passa por organismos cada vez mais aperfeiçoados, numa série imensa de encarnações e desencarnações.

*

Na morte natural, o Espírito abandona o corpo por este lhe ser inútil à sua evolução.

*

Durante as fases da vida espiritual, o Espírito pode manifestar-se, em certas condições, cujo estudo é objecto do Espiritismo experimental.

O mistério das cruzes indianas

pelo Dr. Gabriel Gobron

(Tradução de I. D. S.)

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em França)

O Dr. Gabriel Gobron, redactor-correspondente de Estudos Psíquicos em França, inaugura hoje a sua colaboração nestas colunas, com o interessante trabalho «O Mistério das Cruzes Indianas».

Como já tivemos ocasião de acentuar, na análise do seu livro «Notre Dame des Neiges», o Dr. Gabriel Gobron é um escritor inconfundível, cuja independência e vontade firme de progredir são apanágio do seu espírito, sempre pronto a auxiliar os fracos e os desprotegidos contra a sanha dos orgulhosos. Por esta razão, viu-se obrigado a ser editor das suas obras, todas de grande interesse literário, servidas por estilo terso e vigoroso. Apesar disso, nunca desanimou; e os livros «Les Couarrails de Pont-à-Mousson», «Yvon, fils de Maroussia», «Histoires Lorraines», «Contacts avec la Jeune Génération Allemande» e «La Hongrie Misterieuse» têm corrido mundo e alcançado as mais belas referências.

Gabriel Gobron é também distinto poliglôta e redactor de La Revue Spirite, a primeira revista mundial no género, fundada e dirigida longo tempo por Allan Kardec, e colabora em quasi todas as grandes revistas estrangeiras de Espiritismo.

Estudos Psíquicos honra-se, pois, com a camaradagem deste intelectual de escol, a quem apresenta as suas carinhosas saudações, ao mesmo tempo que felicita os leitores, pelo ensejo que vão ter de apreciar tão curioso e douto articulista!



DR. GABRIEL GOBRON

A-pesar das grandes preocupações que me assediavam, algo aumentadas pelo estado de guerra em que nos encontramos, consegui ler algumas obras acerca dos Índios, tais como: o «Manuscrito de Chichicasteango (Popel Bey)», de António Villacorta C. e Flávio Rodas N., «Geneonomia Maya — Quiché», de David Vela, «Religiões Ameríndias» e «Artes Ameríndias», ambas do professor Jorge Bahlis, «Senzala e Macumba», etc., etc.

Quando se lê, sem preconceitos, a história da civilização indiana, fica-se estupefacto ao verificar que, por obra e graça do pontífice romano, os índios só começaram a ter alma em 1537 («Reformador», 1-7-37). Ora, já é tempo, muito tempo mesmo, de reabilitar os índios pre-colombinos, amesquinçados por

aquela afirmação e pelas pretensões materialistas, como faz, corajosamente, o Prof. Jorge Bahlis, a quem sòmente exprobo o ter procurado, para justificar as suas explicações, uma Atlântida geográfica e não uma Atlântida espiritual. Valerá a pena, a cada descoberta de núcleos espirituais, seguirmos viagens comerciais, trocas marítimas, negócios com este ou aquele povo longínquo, em vez de procurar uma solução espiritual, isto é, a Inspiração, a Iluminação, a ponto de o Homem ser o médium do Homem, comunicando, directamente, com Deus.

Eu detesto, em absoluto, esta explicação universalista, materialista, ocidental, que consegue explicar sempre a ciência espiritual de alguns, pela luz divina de outros — ainda que, em certos casos, não me seja

possível explicar a sua realidade psicológica. Mas teria Jesus, acaso, necessidade dos Essênios, dos Egípcios e dos Hindus, para encontrar a luz verdadeira? Onde é que Gautamah-Boudha a descobriu, senão em si próprio? Porque quereis, então, que os Celtas ou os Celtiberos tenham recebido dos Egípcios e dos Hindus o seu sistema de crenças elevadas, principalmente as vidas sucessivas? Não poderiam descobri-la os seus grandes sacerdotes ou magos ou druidas, a exemplo dos místicos muçulmanos ou nórdicos, indianos ou hindus? Esta teoria «geográfica» reduz-se, a-final, a uma escapatória que nada explica, pois que, admitindo, por exemplo, que toda a ciência espiritual do mundo só provenha da Índia (segundo uns), do Egipto (segundo outros), da Atlântida ou da Lemúria (ainda segundo outros), não é necessário que os místicos hindus ou egípcios ou atlantes ou lémures tenham bebido noutras fontes a sua ciência divina? Então? Após tantos tratos de imaginação, temos de voltar à Inspiração, à Iluminação, à comunhão com Deus e as forças divinas.

Sabendo, por outro lado, quão elevadas são, geralmente, as preocupações mercantis dos traficantes de 1940, é lícito perguntar se, em boa verdade, eles já-mais puderam personificar, mesmo em tempos mais animosos, os corretores da cultura, os caixeiros-viajantes da Civilização, na sua expressão mais elevada: a Ciência das relações da alma com Deus. Longe de mim a ideia de, procurando o Egipto, a Índia ou a Atlântida para explicar o grau de civilização deste ou daquele povo, pretender impôr pais ou tutores a pessoas adultas, susceptíveis, por si próprias, de tratar dos seus negócios. Eis, porque eu não podia deixar de apresentar os meus reparos ao Prof. Jorge Bahlis, em virtude da sujeição deste senhor ao preconceito «geográfico» que assinala e do qual o mesmo professor não conseguiu desembaraçar-se inteiramente.

Mas, em compensação, que de louvores ele não merece pela coragem de que deu provas (sobretudo nas «Artes Ameríndias»): os factos que apresenta são eloquentes e falam por si próprios. Estes povos bárbaros, selvagens, primitivos, não teriam sido muitas vezes ultrapassados em muitos pontos. As descobertas arqueológicas dos irmãos Wagner na República Argentina, mostram bem o simbolismo iniciático a que haviam chegado estes grandes Mestres duma antiguidade que só fragmentariamente conhecemos, em virtude da fúria branca que queimou aos milhares os misteriosos *quipos* que descrevem a história dos místicos e iluminados pre-colombinos. Contudo, mesmo no plano material, como demonstrou há pouco Mr. Donald Maclean, em *The Argus* (Melbourne, 9-9-33) e *The Harbinger of Light* (10/39), órgão tão interessante da Associação Espirita Australiana, estes bárba-

ros, estes selvagens, estes primitivos resolveram problemas técnicos complicadíssimos com extrema falta de meios, assim como de aparelhos e máquinas aperfeiçoadas. Ainda hoje se ignora, por exemplo, como conseguiram deslocar e transportar as colunas gigantes, maciças e pesadas, que existem em profusão na Ilha da Páscoa.

Ante o espírito ocidental, o «Império das Planícies» argentinas põe em equação problemas materiais e espirituais da mais flagrante actualidade, pela importância e verdade eterna que revestem.

O Prof. Jorge Bahlis não é qualquer romântico que negligencie os factos ou deturpe a realidade e por isso a largueza de vistas com que expõe certas questões enche de encanto as suas obras. E dizer-se que os civilizados brancos queimaram toneladas de *quipos*, para que ignorássemos tudo, ou quasi tudo, quer da Ilha da Páscoa e de seus tesouros religiosos, quer da civilização pre-colombina do continente sul-americano e americano! De que lado está, pois, a barbárie? O «Cântico de Nezahualcóyolt», essa lamentação magnífica acerca da vaidade das vaidades, ultrapassa o «tout passe!» de Goethe e de muitas páginas bíblicas, pelo seu acento de frescor eterno. Que de tesouros espirituais brutalmente destruídos pelos Judas do Ocidente! É que, mesmo simbólico, o culto do sol não era muito simpático a certas potências que preferiram destruir toda esta documentação expressa, directamente, pela literatura e, indirectamente, pelas artes (música, pintura, escultura, cerâmica sagrada, arquitectura, etc.) de que hoje nos restam tão poucos vestígios!

* * *

Esta reabilitação dos selvagens apaixonou-me verdadeiramente. Assim, aplaudo com entusiasmo o governo mexicano, por ter financiado progressivamente as investigações e escavações que arqueólogos clarividentes ali dirigem todos os anos no solo e sub-solo, ambos tão ricos em testemunhos do mais elevado interesse espiritual.

Mas o Espiritismo que, decididamente, caminha sempre na vanguarda do progresso humano, acaba, mais uma vez, de ser assinalado por um facto surpreendente. É possível que alguns leitores conheçam o livro espirita de Mr. Hamlin Garland, intitulado «O Mistério das Cruzes Indianas» (já me referi a este assunto na *Revue Spirite* de Paris, na crónica «À Travers le Monde»).

Há muitos anos que Mr. Hamlin Garland teve conhecimento da mediunidade da senhora Violet Parent, que, em sonho e por clarividência, recebeu, de 1914 a 1923, instruções de espíritos indianos e católicos

(prelados e missionários) ao mesmo tempo, desejosos de colaborar, a-fim-de atestarem a prova irrecusável da sobrevivência humana. Esta cooperação dos Índios e dos R. P. da Igreja Romana representa qualquer colsa de emocionante e constitue sinal dos tempos novos que surgirão mais cedo do que se pensa, se soubermos ser dignos da Luz que aguarda o dia em que a possamos receber...

Mr. Garland teve tempo de apreciar esta história mediúnica. Quando a pôde apreciar devidamente, já a médium e o marido haviam desencarnado. Felizmente, tinham escrito as suas memórias, razão por que Mr. Hamlin Garland encarou a empresa de escrever esta história extraordinária.

Os esposos Parent eram criaturas vulgares e de pouca instrução. A-pesar disso, foram escolhidos pelos *Espíritos* — dos Indianos e dos Padres da Missão — para as descobertas e escavações realizadas em cerca de quatrocentas milhas quadradas. Sendo-lhes impossível realizar este gigantesco trabalho de investigação durante longos anos, em virtude da sua quasi extrema pobreza, os *Espíritos* indicaram-lhes, muitas vezes e com rigor, os sítios onde poderiam descobrir dinheiro — moedas de ouro ou notas de banco — ali escondidas meio século antes por mineiros da região. Parece inverosímil, mas é verdadeiro.

Assegurada a questão material (la *matérielle* assurée) ⁽¹⁾, como se diz em francês, e confiados nos seus *Espíritos*, os esposos Parent lançaram-se na descoberta das misteriosas cruces indianas e encontraram mais de mil e novecentas em condições previamente indicadas, em sonho ou clarividência: a forma das cruces, as suas inscrições, os lugares onde estavam enterradas, as suas particularidades, etc.

Sabe-se que estas cruces simulam, por vezes, cabeças de animais e serviam aos Índios para cultuar o Sol. ¿Teriam sido, na verdade, enterradas pelos Índios, com receio de que fôsem destruídas pelos missionários católicos? Eis uma hipótese muito plausível. Em todo o caso, as cruces que os esposos Parent enviaram, para identificação, a diversos museus da Califórnia e doutras partes da América, não chamaram a atenção, quer dos sábios, quer dos arqueólogos, visto que semelhantes cruces com cabeças de animais enroladas numa espécie de turbante jámais existiram nos estreitos limites do seu fraco saber.

¿Já viram? ¿Cruces que teriam servido ao culto do Sol, à religião do mito solar, quando os cristãos sabem que a cruz é um símbolo cristão! Sem dúvida que os pagãos se serviam delas como instrumentos de suplício; mas, depois, a cruz tornou-se inseparável da imagem do Cristo.

Mas vós podeis objectar-me, com razão: ¿Quem nos garante que Mr. Hamlin Garland não tivesse sido

vítima de truque ou de fraude por parte da senhora Violet Parent e de seu marido? Em verdade, as notas escritas pelos esposos Parent são tão simples, tão «directas», que se lhes não pode atribuir retórica, pretensão ou *tripatouillage* ⁽²⁾. Redigidas dia a dia, estas notas penosamente escritas são autêntico reflexo da alma pura dos esposos Parent.

Por outro lado, Mr. Hamlin Garland retomou, para sua edificação pessoal, o próprio meio psíquico que os Parent empregaram, durante nove anos: a via mediúnica, a via espirita. E por intermédio dos *Espíritos* conseguiu descobrir dezasseis novas cruces indianas enterradas no solo, havia séculos e séculos. Portanto, a prova está feita.

Finalmente, as numerosas pessoas que conheceram a senhora Violet Parent e seu marido e que assistiram à descoberta do dinheiro e das cruces são unânimes em reconhecer a honestidade incontestável destes dois apaixonados investigadores que, em sonho ou por clarividência, entenderam dever seguir as instruções dos *Espíritos* comunicantes, com o objectivo de *provar, com factos irrecusáveis, a sobrevivência pessoal*.

Efectivamente, descobrir cruces, de cuja existência ninguém suspeita, constitue realidade que nem os metapsiquistas, nem os animistas, sofistas e negadores de verdades podem denegir. Tal realidade fala, franca e claramente: é um facto espirita.

Devemos, pois, agradecer a estes inimigos de ontem — Indianos e missionários católicos — o se haverem reconciliado no Além, com o fim de prègar aos vivos, em meio das desgraças do presente, trazendo-lhes a Vida, nas horas de morte que vivemos, nesta Europa civilizada e cristã...

⁽¹⁾ As angústias financeiras da existência.

⁽²⁾ Em francês popular: *grosseira falsificação*.

OS FENÓMENOS TELEPÁTICOS

No decorrer dos fenómenos telepáticos, o homem projecta ao longe, instantaneamente, uma parte de si próprio, uma espécie de emanação, que vai ter com um amigo ou um parente. Estende-se assim a longas distâncias, atravessa o oceano, continentes inteiros, num espaço de tempo demasiado curto, para que seja possível calculá-lo. É capaz de encontrar no meio da multidão aquele a quem deve dirigir-se. Faz-lhe então certas comunicações. Sucede também que descobre, na imensidade e no tumulto duma cidade moderna, a casa, o quarto daquele que procura, embora nem dela, nem d'ele, tivesse o menor conhecimento. O indivíduo que possui esta forma de actividade comporta-se como um ser extensível, uma espécie de amiba capaz de enviar um pseudópodo a distância prodigiosa.

Dr. Alexis Carrel

Classificação dos fenómenos supranormais

pelo Dr. Lôbo Vilela

A classificação dos fenómenos supranormais depende, naturalmente, do ponto de vista em que nos colocamos, como nota Flournoy. Assim se compreende que tenham sido propostas diversas classificações, algumas delas demasiado complexas porque atendem, quasi exclusivamente, ao aspecto formal dos fenómenos, sem atenderem à sua natureza íntima, ou ao mecanismo da sua produção. Isto dá lugar a que se reúnam, numa mesma categoria, fenómenos essencialmente diferentes, e se separem, em categorias distintas, outros fenómenos que apresentam analogias profundas, quando se procede a uma análise minuciosa.

Uma classificação qualquer, para ser rigorosa, não pode desprezar a interpretação dos fenómenos a que diz respeito, ainda que essa interpretação seja dada como simples hipótese de trabalho. Os metapsíquistas materialistas preocupam-se, em especial, com a eliminação da hipótese espiritista, atitude esta que transparece, nitidamente, das classificações que propõem. Por sua vez alguns espiritistas, mais incultos que fanáticos, obstinam-se em atribuir aos espíritos a maior parte dos fenómenos supranormais. Qualquer destas atitudes extremas nos parece insustentável, pois se há fenómenos que podem explicar-se independentemente da intervenção dos espíritos, outros há que parecem implicá-la.

As classificações mais empregadas pelos metapsíquistas são a de Maxwell (*Les phénomènes psychiques*), a de Richet (*Traité de Métapsychique*), e a de Sudre (*Introduction à la Métapsychique Humaine*), que dividem os fenómenos supranormais em dois grandes tipos, subdivididos em classes.

Maxwell divide primeiro os fenómenos metapsíquicos em *físicos* e *intelectuais*. Ao primeiro tipo pertencem as seguintes classes: 1—*telequinésia* (movimentos sem contracto); 2—*paraquinésia* (movimentos com contracto, mas insuficiente para os produzir); 3—*raps*

(ruídos supranormais); 4—*apports* (interpenetração da matéria); 5—*fenómenos visuais* (eflúvios, luzes, formas materializadas); 6—impressões digitais, moldagens, alteração do peso dos objectos, levitações, etc. O segundo tipo compreende: 1—*tiptologia* (pancadas vibradas pela mesa, manifestando uma inteligência); 2—*gramatologia* (obtenção de frases soltas); 3—*escrita automática* (produzida inconscientemente); 4—*escrita directa* (obtida sem intervenção de qualquer pessoa); 5—*encarnações* (alteração da personalidade e encorporação espiritista); 6—*vozes directas*; 7—*automatismos diversos* (visão no cristal, telepatia, telestésia, clarividência).

Richet ⁽¹⁾ considera também dois tipos de fenómenos: *objectivos* e *subjectivos*. Os primeiros, que parecem produzidos por forças desconhecidas, revelam um «carácter inteligente»; os outros, «exclusivamente intelectuais», parecem devidos a uma «faculdade misteriosa de conhecimento» — a *criptestésia* ⁽²⁾ (*criptos*, oculto; *oesthesis*, sensação). Na metapsíquica objectiva, Richet considera apenas três classes: *telequinésia*, *ectoplasmia*, e *assombramento* (*hantise*); na subjectiva exclue a maior parte das classes propostas por Maxwell.

René Sudre simplifica mais estas classificações, admitindo, no entanto, os dois tipos principais. Criticando a designação de fenómenos subjectivos, porque em metapsíquica não há introspecção, propõe a designação de fenómenos *mentais* e *físicos*. A metapsíquica mental compreenderia apenas 3 classes: *telepatia* (diapsíquica, transmissão do pensamen-

⁽¹⁾ *Traité de Métapsychique*, pág. 3.

⁽²⁾ A *criptestésia* compreende as sensações que não dão lugar a percepções, mas entram na *criptomnésia* (nome pelo qual Flournoy designa a memória subliminar de Myers). A *criptomnésia* (memória oculta) abrange: 1.º — o que impressiona o *sensorium* sem atingir o «eu» consciente; 2.º — o que, depois de ter sido consciente, se esqueceu.

to, leitura do pensamento, sugestão mental), *metagnomia* (clarividência, lucidez, telestésia, criptestésia, panestésia), e *prosopopese* (possessão, encarnação, divisão e alteração da personalidade). Na metapsíquica física distingue duas únicas classes, admitindo que todos estes fenómenos «são devidos a uma substância proveniente do corpo vivo e sob a dependência do espírito»: *telergia* (efeitos mecânicos, físicos e químicos da força psíquica: telequinésia, hiloclastia); *teleplastia* (modelação de formas animadas dando a ilusão de vida: ectoplásia de Myers, ectoplasmia de Richet ou ectoplastia).

Como se vê, Sudre na classificação da metapsíquica mental abstrai da causa provável dos fenómenos, limitando-se às suas analogias formais, mas na metapsíquica física já postula a hipótese da «força psíquica» e por isso atende às analogias causais, incluindo no mesmo grupo fenómenos aparentemente diferentes.

Uma classificação é tanto mais complexa e imperfeita quanto mais se confinar ao aspecto formal dos fenómenos a que respeita e mais se desinteressar da investigação das suas causas prováveis, ou dos seus caracteres essenciais. Um exemplo disso está na classificação que Morzelli fez nos fenómenos físicos observados com Eusápia, e nos quais distingue 9 classes e 42 ordens, afirmando ter esquecido alguns. Mackenzie ⁽¹⁾ distingue também elevado número de grupos. A classificação de Bret peca por excessivamente complexa e minuciosa, estabelecendo algumas distinções inúteis.

Lebiedzinski considera quatro categorias: 1 — alteração do estado psíquico e físico do homem (êxtase, transe, hipnose, encarnação, etc.); 2 — percepção supranormal (telepatia e clarividência); 3 — acção supranormal do psiquismo sobre o seu próprio organismo (estigmas, transposição dos sentidos, irradiação energética, exteriorização de duplos, materializações); 4 — acção supranormal do psiquismo sobre a matéria e a energia, fora do seu organismo (acções fisiológicas, telequinésia, raps, desmaterialização da matéria, etc.) Estes fenómenos estariam relacionados com quatro faculdades: *ideoplastia do psiquismo*, que dava lugar à criação de personalidades; *faculdade de perceber* as coisas independentemente dos sentidos; *ideoplastia da matéria*, que permitia transformar e

modelar a matéria; *ideoplastia da energia*, que produzia a transformação e emissão de energia.

Boirac, na primeira classificação que apresentou ⁽²⁾, considerava apenas duas ordens de fenómenos — *hipnóides* e *magnetóides* — subdivididas em famílias. Supunha êle que os fenómenos espiritas podiam integrar-se nessas duas ordens. Só mais tarde ⁽³⁾ completa aquela classificação, introduzindo-lhe uma nova ordem — a dos fenómenos *espiritóides*, depois de afirmar que as suas ideias tinham evoluído.

Assim Boirac estabeleceu três categorias de fenómenos:

1.º — *Fenómenos hipnóides*, que não implicam a hipótese de nenhum agente ainda desconhecido, de nenhuma causa distinta das já admitidas pela ciência, mas que parecem poder explicar-se por agentes já conhecidos, por causas já admitidas, operando apenas em condições novas, ainda mal ou incompletamente definidas.

«2.º — *Fenómenos magnetóides*, que parecem implicar a hipótese de causas ainda desconhecidas, não catalogadas, mas de natureza física, e mais ou menos análogas às forças radiantes da física, luz, calor, electricidade, magnetismo, etc.

«3.º — *Fenómenos espiritóides*, que parecem implicar a hipótese de agentes ainda desconhecidos, mas agora de natureza psicológica, mais ou menos análogos a inteligências humanas, talvez mesmo situadas fora do nosso mundo habitual, num plano da realidade, exterior àquele em que vivemos» ⁽⁴⁾.

À 1.ª ordem, pertencem os fenómenos do hipnotismo e da sugestão; à 2.ª, os do magnetismo animal e da telepatia; à 3.ª, os fenómenos do Espiritismo que não possam reduzir-se às categorias anteriores.

A 1.ª ordem, abrange dois grupos:

a) *Psicopatia* (*psyché*, alma; *pathos*, modificação) «compreende todos os fenómenos que têm essencialmente por ponto de partida uma certa modificação quer do estado mental, quer do estado nervoso dos sujeitos nos quais se produzem, e que consistem ora na exaltação, ora na inibição anormais das fa-

⁽¹⁾ *Metapsichica moderna*, Roma, 1923.

⁽²⁾ *Annales des Sciences Psychiques*, 1893.

⁽³⁾ *La Psychologie Inconnue*, cap. IV.

⁽⁴⁾ *Op. cit.*, introdução.

culdades psicológicas ou das funções vitais». (Fenómenos de sugestão estudados pela escola de Nancy; fenómenos de hipnotismo estudados pela escola de Salpêtrière).

b) *Criptopsiquia* (*criptos*, oculto; *psyché*, alma, «compreende todos os fenómenos em que parece manifestar-se uma acção inteligente, uma acção psíquica, sem que, entretanto, o sujeito em que ela se manifesta tenha, em qualquer grau, consciência de exercer tal acção» ⁽¹⁾). (Fenómenos de escrita automática; profetismo).

A segunda ordem abrange três grupos:

a) *Psicodinamia* (*dynamis*, poder) «compreende todos os fenómenos em que um ser animado parece agir quer sobre outros seres animados, quer mesmo sobre a matéria bruta, por intermédio duma força *sui generis*, distinta de todas as forças conhecidas, ainda que análoga às forças radiantes ou circulantes, tais como o calor, a luz, a electricidade e o magnetismo. Quando esta acção se exerce a grandes distâncias, sem intermediários visíveis, os fenómenos produzidos são *telepsíquicos*. (Fenómenos do magnetismo animal, levitação, materialização). Boirac subdivide ainda este grupo em *psicodinamia vital e material*, conforme se exerce sobre seres animados ou sobre a matéria.

b) *Telepsiquia* (*tele*, a distância), «compreende os fenómenos em que a acção psicodinâmica se exerce a grandes distâncias sem intermediários visíveis». (Fenómenos telepáticos, estudados principalmente pela *Society for psychical research* e reunidos na bela obra de Gurney, Myers e Podmore — *Phantasms of the living*, 2 vol.; dupla vista ou clarividência, verificadas pelos antigos magnetizadores e estudadas cientificamente pelo Dr. Osty; telestésia, incluindo a exteriorização da sensibilidade descoberta por Rochas; sugestão mental, observada por Ochorowicz, P. Janet e Giber, etc.).

c) *Hiloscopia* (*hylé*, matéria, *scopein*, perceber) «compreende todos os fenómenos em que a matéria parece exercer, sobre seres animados, principalmente sobre seres humanos, uma acção que não parece completamente explicável pelas suas propriedades físicas ou químicas já conhecidas, e que parece, por consequência, revelar nela uma força irreduzível a todas as que a ciência tem estudado até agora.» (Percepção de correntes subterrâneas; influência do imã sobre os sujeitos

hipnóticos, reconhecida pelos antigos magnetizadores e pela escola de Charcot; influência dos metais, estudada pelo Dr. Burcq sob os nomes de *metaloscopia* e *metaloterapia*; acção de medicamentos a distância, observada nas experiências de Bourru e Burot, etc.) ⁽²⁾.

Pelo que respeita aos fenómenos espiritoides, Boirac não propõe nenhuma divisão em grupos, atribuindo-lhe dois caracteres próprios: 1.º — serem *essencialmente espontâneos*; 2.º — implicarem a intervenção de *personalidades* estranhas aos assistentes.

«Em primeiro lugar estes factos, diferentemente dos do hipnotismo, da sugestão, do magnetismo animal, etc., não podem ser obtidos à vontade por experimentações propriamente ditas.

«Em segundo lugar — e este carácter está estreitamente ligado ao primeiro — estes factos sugerem, à primeira vista, a todos aqueles que os observam, quer implicitamente, quer mesmo explicitamente, a hipótese de personalidades invisíveis distintas das do médium e dos assistentes que interviriam na sua produção. Por outras palavras, eles próprios *parecem* ter uma personalidade; mais ainda, eles *apresentam-se, afirmam-se* mesmo como tendo efectivamente uma personalidade própria. Que esta aparência seja ilusória ou conforme à realidade, que esta afirmação seja verdadeira ou falsa, eis um ponto sobre o qual as opiniões podem ou não ser conformes; mas que esta aparência e esta afirmação existem e são características desta ordem de factos todos os observadores são unânimes em reconhecer-lo» ⁽³⁾.

Embora procure atender ao grau de complexidade dos fenómenos e pareça considerar de certo modo, as suas causas prováveis, a classificação de Boirac está muito longe de satisfazer. Com efeito ela dá lugar a confusões lamentáveis porque não é possível delimitar-se o campo dos fenómenos hipnóides, magnetóides e espiritoides. Sabe-se bem que os fenómenos espiritas exigem, quasi todos, que o sujeito se encontre num estado especial chamado *transe* o qual apresenta profun-

⁽¹⁾ Boirac, quando propôs esta classificação pela primeira vez, pensava que a maior parte dos fenómenos espiritas podia ser incluída neste grupo.

⁽²⁾ *La Psychologie Inconnue*, cap. IV.

⁽³⁾ *La Psychologie Inconnue*, cap. IV, págs. 96-97.

das analogias com o «sono nervoso» dos antigos magnetizadores ou «sono hipnótico», como passou a chamar-se-lhe, depois da descoberta de Braid. Ele pode ser provocado pelos mesmos processos da hipnose, desde os processos mesméricos aos processos braidicos, e apresenta características idênticas, em qualquer dos casos. Seria difícil saber onde deviam figurar, por exemplo, os fenómenos de *polimorfismo* produzidos por sugestão, desde que eles se apresentam como *personificações*. Além disso, Boirac atende antes aos meios de produção dos fenómenos e ao seu aspecto, do que propriamente às causas que os determinam.

Em todos os fenómenos supranormais, mesmo nos de aspecto físico, manifesta-se sempre uma causa inteligente. O que sucede é que alguns deles só podem ser explicados admitindo a existência de inteligências estranhas aos assistentes; outros, porém, compreendem-se sem necessidade dessa intervenção; noutros ainda, parece haver uma íntima colaboração dos assistentes com inteligências estranhas. Parece-nos pois que devem ser estas características essenciais a servirem de base a uma classificação racional.

Por isso consideraremos três classes fundamentais de fenómenos metapsíquicos—*anímicos*, *espíritas* e *mixtos*—para usarmos a nomenclatura de Aksakof, mas subdividi-los em novos grupos empregando, quanto

possível, designações já conhecidas. Teríamos assim o seguinte esquema:

Fenómenos anímicos: 1 — *polimorfismo* (personificações subconscientes); 2 — *metagnosia* (Bret) (conhecimento supranormal, de natureza ciptomnésica ou telestésica); 3 — *metagrafia* (Bret) (escrita automática); 4 — *metergia* (Bret) (deslocação de objectos, efeitos orgânicos ou biológicos); 5 — *metapsiquia* (transmissão do pensamento e telepatia); 6 — *metaplásia* (materialização de duplos, impressões mentais produzidas sobre a chapa fotográfica e moldagens obtidas pelos duplos).

Fenómenos espíritas: 1 — *xenonoísmo* (aparição fantasmática de falecidos, não provocada); 2 — *psicofonia* (voz directa); 3 — *criptografia* (escrita directa); 4 — *psicofotismo* (luzes que acompanham as aparições).

Fenómenos mixtos: 1 — *metacinésia* (deslocamento de objectos, quando dirigido por um espírito, aproveitando a energia física dos circunstantes); 2 — *psicoplásia* (materialização espírita feita, em parte, à custa da diminuição de peso do médium, moldagens transcendentes, fotografia espírita); 3 — *tiptologia* (comunicação espírita obtida por meio de pancadas); 4 — *metaglósia* (comunicação espírita obtida por meio dos órgãos vocais do médium); 5 — *psicografia* (comunicação espírita obtida pela escrita mecânica ou semi-mecânica); 6 — *metanoísmo* (encarnação ou incorporação espírita, possessão).

MÁXIMAS DE KRISHNAMURTI

Quando teu corpo desejar alguma cousa, detem-te e reflete: «Será realmente o meu «EGO» que manifesta esse desejo?» Perscruta as profundezas do teu sêr para poderes encontrar Deus em ti e ouvir a sua voz.

Não cometas o erro de tomar os teus corpos por tua individual propriedade, ou como tua própria individualidade. Esta não é nem o teu corpo físico, nem o astral, nem o mental. Cada um deles pretende ser o «EGO», a-fim-de obter o que deseja. Por isto mesmo, debes conhecê-los bem para poder dominá-los.

Quando temos de executar alguma tarefa, o corpo físico entra em cena, pretextando necessitar de repou-

so, de passeio, de comer ou de beber. Então, o homem desprovido de conhecimento diz para consigo: «Eu preciso fazer tais coisas; é preciso, pois, que as faça!» Mas o homem que sabe, dirá: «É o meu corpo que deseja e não Eu; por conseguinte, espere».

O homem e o seu corpo são dois:—A vontade daquele nem sempre está acorde com os desejos deste.

Freqüentemente, quando se apresenta ensejo para auxiliar alguém, o corpo diz: «Que aborrecimento este! Melhor será que um outro cuide disso!» Mas o homem consciente responde ao seu corpo: «Tu não me impedirás de praticar uma boa acção!»

Alguns aspectos da crise da morte e do mundo astral ⁽¹⁾

pelo dr. António J. Freire

NUMA futura revisão de valores e de juízos, o significado macabro e apavorante da crise da morte não terá mais razão de subsistir. As experiências e observações anímicas e espiritas, quer dentro do espiritismo, quer em outros sistemas neo-espiritualistas, confirmar esta asserção.

A morte é, em última análise, o ponto de partida para um renascimento astral, numa mesma linha de continuidade evolutiva para cada alma humana a-fim-de transmutar, por síntese, as experiências terrestres em novas faculdades e tendências inatas para cada nova reencarnação planetária.

A ciência materialista perdeu o fio de continuidade paligenésico e kármico que liga cada berço ao passado, e cada túmulo ao futuro. Sendo a evolução, no seu significado espiritual, talvez a essência e razão de ser do Divino Plano da Criação, a sua mecânica e dinamismo só podem ser compreensíveis perante os dois princípios subsidiários: o reencarnacionismo (palingénese), traduzido numa série de renascimentos, alternantes e sucessivos — terrestres e astrais —, orientados pela Justiça imanente, expressa no Karma, num prolongamento indefinido de acções e reacções, abrangendo todas as actividades de cada alma humana. Só dentro desta trilogia se podem compreender racionalmente a evolução nos seus múltiplos aspectos; a acção providencial da Justiça Divina; e as dissemilhaças morais e intelectuais de alma para alma, de personalidade para personalidade, nas suas ascensões evolutivas.

A morte não é um aniquilamento total, como supõem, errada e irreflectidamente, os materialistas e agnósticos, mas uma libertação e ascensão dos valores morais e mentais contidos nos corpos psíquicos e espirituais, individualizados para cada consciência.

O mecanismo da morte só pode ser compreendido depois do estudo do complexo humano e das suas correlações com os mundos hiper-físicos, estudo teórico e experimental incomparavelmente mais vasto, profundo e transcendente do que supõem certas ciências, filosofias e religiões. O estudo dos fenómenos supra-normais anímicos, espiritas e metapsíquicos fornecem provas irrefutáveis para a demonstração da sobrevivência humana. A exteriorização dos corpos

psíquicos, a projecção no espaço e no tempo das suas faculdades supranormais (telepatia, clarividência, ideoplastia telestesia, premonições, etc.), e a materialização terrestre (ectoplasma) das almas desencarnadas ou falecidas, são hoje factos rigorosamente observados, verificados por sábios de renome mundial, desde William Crookes a Oliver Lodge, cuja negação só pode porvir da ignorância ou da má-fe.

A compreensão da sobrevivência humana, repetimos, requiere o conhecimento do complexo humano, assim como a trajectória e evolução da alma humana, depois da crise da morte, impõe o estudo dos mundos hiperfísicos que envolvem o nosso planeta terrestre. Para cada corpo psíquico e espiritual do complexo humano existe um mundo supraterrrestre da mesma essência, natureza e afinidade onde cada alma desenvolve as suas faculdades correlativas a esses meios meios imateriais, *mas substanciais e etéreos*, que a ciência não pode, por enquanto, captar e analisar dentro da sua orientação materialista, seja qual for o progresso dos seus instrumentos laboratoriais de visão, peso e medida, limitados, no seu incessante aperfeiçoamento, às múltiplas e complexas modalidades da matéria terrestre. Para o estudo do supranormal exige-se, como é lógico, novas aparelhagens, técnicas adequadas e métodos diferenciados. Será a ciência do futuro século, como vaticinou o sábio professor, dr. J. Grasset. Os neo-espiritualistas e metapsiquistas são, em última análise, os vanguardistas e precursores das novas ciências espiritualistas e anímicas que hão-de determinar um fecundo e vigoroso elan evolutivo às gerações futuras.

As correntes espiritualistas compete expurgar do mundo as falsas ideias e preconceitos materialistas e agnósticos que tanto têm contribuído para a expansão do egoísmo humano com o seu cortêjo de lutas sangrentas, de rapinas, de conturbação dos espíritos, das lutas de classe, de perseguições à civilização cristã, de

(1) *Resumo da conferência realizada na Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas, em 19 de Outubro p. p., pelo autor.*

retrocesso ao paganismo e do triunfo do agnosticismo maçónico com as suas malélicas ramificações mundiais, dominando povos e nações em nome duma falsa profissão de fé — *de livre pensamento, de liberdade e de igualdade* — acobertando métodos e fins inconfessáveis e o mais sórdido e grosseiro materialismo.

Sejam quais forem os sarcasmos e os sorrisos olímpicos de alguns cientistas profissionais e catedráticos, de facto, o pensamento — a mais nobre faculdade humana — é mais alguma coisa de complexo e transcendente do que uma simples secreção cerebral, à imagem da secreção de bilis do fígado. Os fenómenos — mundialmente experimentados e comprovados — de telepatia, de telestesia, de ideoplastia, de clarividência e outros, *demonstram*, clara e insofismavelmente, que o pensamento ultrapassou os domínios anatómicos de todo o sistema nervoso, dominando o espaço e o tempo, projectando-se no passado e no futuro, por vezes manifestando capacidades supranormais, excedendo na sua actividade a maior transcendência e complexidade. Felizmente, também passou de moda a não existência da alma humana, baseando esse ridículo negativismo no facto de não se ter encontrado na ponta do escalpelo. Graças ao Espiritismo e a outras correntes neo-espiritualistas, a observação e experiências dos fenómenos psíquicos e metapsíquicos, levaram à conclusão de que a alma humana ultrapassa tôdas as concepções abstractas, entrando o seu estudo no domínio do método positivo, dentro da realidade objectiva. Os novos conceitos científicos da alma humana são, talvez, uma das maiores e mais fecundas conquistas do Espiritismo.

O Espiritismo, baseado na observação e na experiência dos fenómenos supranormais anímicos e espiritas, adopta a constituição ternária do complexo humano: o corpo físico (incluindo o duplo etérico ou corpo vital), o perispírito (abrangendo o corpo astral e o mental inferior ou concreto) e o espírito. A alma e o espírito são termos sinónimos, equivalentes, dentro da terminologia clássica do Espiritismo.

Os corpos de que é organizado o género humano têm a sua contra-partida e relação directa nos mundos, globos, esferas ou planos da Natureza, do Cosmos: mundo físico ou terrestre, mundo astral, mundos espirituais e divinos.

É destes mundos, interpenetrando-se gradualmente os mais quintessenciados nos menos subtilizados que é extraída, por afinidades psíquicas, as substâncias diferenciadas que constituem as estruturas orgânicas dos corpos do complexo humano, desde o corpo físico material aos corpos psíquicos: emocional ou astral, mentais e espirituais. A sua diferenciação de origem, de composição e de funções específicas está correlacionada e subordinada a cada unidade de consciên-

cia que imprime a todo o aglomerado dos diversos corpos psíquicos de cada individualidade, no seu conjunto, a continuidade evolutiva que lhe é própria, focando-se, ora num, ora noutro, desde a alma passional à alma espiritual, consoante o grau de progresso de cada indivíduo, indo, sucessiva e gradualmente, da emoção grosseira, egoística, instintiva, (*tipo selvagem e primitivo*) à intelectualidade e mediana moralidade e afectividade (*tipo civilizado*), da mentalidade desenvolvida e intuitiva à espiritualidade crística (*tipo super-humano*); e da alta espiritualidade à divindade (*Demiurgos, Logos solares e cósmicos, Logos planetários*).

O complexo problema da Evolução da Humanidade, no seu duplo aspecto — Espírito-Matéria, Vida-Forma, Individualidade-Personalidade —, reduz-se, em última análise, à dinamização do potencial divino contido no espírito de cada unidade — consciência através das flutuações dos sucessivos renascimentos terrestres e astrais, orientados numa trajectória de continuidade progressiva (desde a proporção aritmética e geométrica à progressão esotérica), mas tendo sempre, como coeficiente determinativo e impulsor, o esforço individual de cada alma para o seu desenvolvimento emocional — fraternal, mental e cultural, acentuando-se a um alto expoente a evolução de cada indivíduo pela prática das virtudes cristãs. A abnegação e a humildade, o altruísmo e o cumprimento da Lei Áurea do Duplo-Amor de Jesus (amando a Deus e a Humanidade, sincera, fervorosa e dedicadamente) constituem os elementos de combate contra o egoísmo e o orgulho e os seus mais eficazes antídotos psíquicos, ocupando a luminosa doutrina e os redentores ensinamentos de Jesus Cristo o vértice da evolução da Humanidade e a curva de transição progressiva para a evolução supra-humana. Tôda a evolução, no seu significado mais geral, na complexa estrutura das suas infinitas modalidades, na sua latitude integral, demanda o exacto cumprimento das leis divinas, imutáveis e eternas, reflectidas, mais ou menos claramente, em cada unidade — consciência (*super-consciente*) em função do seu grau evolutivo. A prática das virtudes cristãs conjugada com a concentração mental, com as meditações espirituais e, particularmente, pela acção decisiva das preces fervorosas, radicadas em nobres sentimentos, mais florindo e frutificando na inteligência, impondo à fé dogmática uma fé positiva e raciocinada, constituem os meios mais fecundos para acelerar a evolução da Humanidade.

Saber viver e aplicar a redentora e progressiva doutrina de Jesus Cristo, é avançar em perfeita harmonia e íntima comunhão com o Divino Plano da Criação, libertando-nos das dores e sofrimentos inerentes ao baixo nível moral e evolutivo que domina, por em-

quanto, a maioria da Humanidade, para, assim, triunfar da morte e conquistar a suprema felicidade espiritual na plenitude da Vida eterna.

* * *

O estudo do mecanismo da morte requiere um profundo conhecimento analítico e sintético do complexo humano que se torna mais necessário ainda para a compreensão da trajectória da alma, através dos diversos planos dos mundos hiper-físicos e espirituais, depois da sua dupla libertação do corpo orgânico ou somático e do *duplo etérico* ou corpo vital durante a crise da morte planetária.

O duplo etérico, pelas importantes e delicadas funções que exerce nos pontos de vista—*fisiológico* e *supranormal*—, deveria merecer um estudo mais cuidado e completo dentro do Espiritismo.

É ao duplo etérico que compete a função de captar a energia e vitalidade solar (*jiva*), humanizando-a (*prana*), a-fim-de alimentar e vivificar o corpo orgânico e os corpos psíquicos. É nessa energia solar transformada e humanizada, como que digerida, que reside o misterioso poder curativo do magnetismo quando se opera uma transfusão vital de indivíduo para indivíduo.

O duplo etérico é o traço de ligação entre os, encarnados e desencarnados. Sem a sua comparticipação não se poderia efectuar a intercomunicação entre os dois mundos—terrestre e astral. A sua acção é capital na produção dos fenómenos supranormais de ordem física.

Na crise da morte desempenha o duplo etérico um papel importantíssimo.

A morte, no seu significado literal, corresponde, de facto, a duas mortes: a desagregação do corpo físico orgânico e, num intervalo geralmente de dois a cinco dias, à desagregação do seu sócia e irmão siamês—o *duplo etérico*—com quem manteve as mais íntimas ligações durante a vida terrena. Os tradicionais fogos-fátuos, que qualquer mediano clarividente pode observar nos cemitérios, flutuando ao de cima de sepulturas recentes, simulacro do falecido, são constituídos precisamente pela desagregação dos elementos do duplo etérico, cujo aspecto e natureza divergem profundamente dos fogos-fátuos dos pântanos provenientes da formação e decomposição da *metana*.

A morte planetária marca dois periodos distintos: 1.º a exteriorização do duplo etérico envolvendo o perispírito e espírito, caracterizado pela cisão do cordão etérico que ligava o corpo orgânico ao duplo etérico, e, como lógica e fisiológica consequência, a imediata decomposição e desagregação celular do corpo orgânico ou somático; 2.º a separação do duplo

etérico do perispírito (corpo astral) pelo rompimento do cordão astral que ligava o duplo etérico ao perispírito. O corpo orgânico e o duplo etérico, de natureza terrestre, desagregando-se após a morte, vão integrar-se nos reservatórios que lhe são similares pelas suas afinidades físico-químicas. Os éteres, de que é constituído o duplo etérico, são de natureza e origem diversa do éter clássico da ciência que preenche a totalidade do universo e que os sábios divinizaram (o Éter-Deus) talvez por desconhecerem a sua origem, natureza, estrutura e as potencialidades divinas que o dinamizaram. De facto, a denominação de duplo etérico presta-se a certas confusões que só um estudo atento pode evitar, mas tem a vantagem de indicar que esse corpo é um duplicado completo e integral, do corpo orgânico, e, ainda, a sua natureza etérica planetária, com os seus quatro éteres diferenciados cujo mecanismo e acção tem por limite o Mundo astral para onde ascende o perispírito e o espírito após a dupla morte terrestre. A ascensão dos espíritos para o mundo astral e mundos superiores é função do seu peso específico, traduzido na depuração e perfectibilidade da sua alma inferior e passional e na maior ou menor dinamização do potencial divino contido na sua alma superior e espiritual e, ainda, na prática das virtudes cristãs, representativas duma das facetas mais luminosas das leis divinas que impregnam, mais ou menos profundamente, todas as consciências. Seguir a linha crística é caminhar harmoniosamente no Divino Plano da Criação, preparando a almejada transição para a evolução supra-humana.

O fenómeno mais importante, que se observa após a morte do corpo orgânico, está intimamente ligado à estrutura funcional do duplo etérico. Referimo-nos à «visão panorâmica» de todos os acontecimentos de que o falecido foi o protagonista que ele vê, já libertado dos liames que o ligavam ao seu corpo físico, como decorrendo num caleidoscópio ou num *écran* cinematográfico. É o momento mais solene, grave e delicado para todas as almas que acabam de desencarnar. A sua consciência reconstitue, nos mínimos pormenores, todos os factos ocorridos durante a sua vida terrestre, submetendo-os à sua análise e julgamento por um automatismo providencial, inerente a todas as almas no acto da morte ou, melhor, da desencarnação, a-fim-de compreenderem a razão determinante do mundo hiper-físico e respectivo sub-plano que vão ocupar pela lei das afinidades psíquicas conjugada com a Lei da justiça imanente, função do estado evolutivo que conquistaram nessa vida terrena nos domínios da sua actividade mental, cultural, moral e espiritual.

A «visão panorâmica» requiere da alma desencarnada uma análise rigorosa, uma atenção profunda a-fim-de formar um juízo seguro e imparcial no ba-

lanço de todos os pensamentos, actos, sentimentos, intenções e aspirações que estruturaram a sua vida terrena. Impõe-se, pois, que todas as manifestações de pesar e de saúde das pessoas que assistam ao desenlace final dos seus entes queridos, sejam calmas, serenas, afectuosas, evitando a todo o transe essas explosões de dor, de arrebatamento, de revolta, que, embora sinceras, vão perturbar profundamente o espírito desencarnado, criando, por vezes, um ambiente vibratório nefasto ao seu morto querido a-ponto-de impossibilitá-lo de examinar com o devido cuidado a «visão panorâmica» da sua vida terrena. As consequências dessa perturbação, neste momento solene, podem ser prejudicialíssimas e até muito difíceis de reparar e equilibrar logo que a alma desencarnada penetre no mundo astral sem o prévio e integral conhecimento e análise rigorosa da «visão panorâmica» que lhe diz respeito.

Em nome dos mais nobres e afectuosos sentimentos de família, de amizade e de dedicação, todos os neo-espiritualistas recomendam insistentemente a máxima calma, serenidade e resignação em todas as câmaras funerárias.

Saúde afectuosa, confiança absoluta nos desígnios de Deus, resignação cristã, *preces sentidas e fervorosas* são as melhores manifestações que podem e devem ser tributadas a todas as almas no acto solene da sua desencarnação, na sua passagem do mundo terrestre para o mundo astral. As preces, quando sinceras e afectuosas, são o mais poderoso auxiliar confortativo para a alma desencarnada pelo seu poder vibratório nos planos astral e mental. A oração pelos mortos, recomendada por todas as religiões, merece todo o apóio e aplauso. O lado científico da prece está ligado ao complexo estudo das afinidades psíquicas e vibratórias, correlativas a todos os planos ou mundos hiper-físicos da Natureza, do Cosmos. O estudo da T. S. F., da televisão e da radiofonia dão uma pálida ideia, num certo paralelismo, do mecanismo e difusão vibratória da prece, das formas-pensamentos, das egrégoras, etc.

Segundo o conceito rosacruz e doutros sistemas neo-espiritualistas, é no duplo etérico que está localizado o *subconsciente* (o *éter reflector*), como o *superconsciente* está integrado no *corpo causal* já nos domínios da alma superior e espiritual, donde partem as intuições no seu mais alto significado espiritual. Assim como no corpo causal estão arquivados todos os progressos realizados nas vidas anteriores (*superconsciente*), assim também o duplo etérico é o detentor e arquivo de todos os acontecimentos ocorridos em cada vida planetária. Nesta orientação, o corpo causal é o reservatório e arquivo geral permanente do progresso individual para cada espírito, enquanto que o duplo

etéreo é apenas um arquivo transitório destinado a cada vida terrestre. Compreende-se, assim, a capital importância que tem a «visão panorâmica», provocada por uma projecção automática do *éter reflector* do duplo etérico após o rompimento do cordão etérico ou vital que o ligava ao corpo orgânico no acto da desencarnação.

Sendo dado que a desagregação do duplo etérico pode, por vezes, efectuar-se horas depois da sua libertação do corpo orgânico, compreende-se que, não havendo a devida atenção no exame da «visão panorâmica» projectada, mais ou menos, imediatamente depois da desencarnação, desapareceria grande parte dos elementos ligados aos acontecimentos dessa vida terrestre, sem ficarem devidamente registados nos corpos anímicos superiores. E, assim, o espírito desencarnado seria impotente para compreender devidamente a sua verdadeira situação no Mundo astral, desconhecendo as causas determinantes do nível a que ficaria ligado nesse plano hiper-físico, determinado pelas suas afinidades psíquicas e grau evolutivo, resultantes da forma intelectual e moral como se orientou e agiu na sua vida terrestre. O segundo e último acto da desencarnação terrestre, representado pela libertação do perispírito do duplo etéreo, é incomparavelmente mais delicado e importante do que a fase inicial, expressa na exteriorização integral e definitiva dos corpos anímicos.

* * *

Os fenómenos supranormais que, habitualmente, sucedem no período pre-agónico, no período agónico e após a morte: clarividência, projecção do duplo, fenómenos telepáticos e teletésicos, assistência do espírito guia e dos espíritos tutelares e familiares, música transcendental, etc., relatados numa vasta bibliografia espírita, pela sua extrema variedade e valor documental, poderiam talvez ser suficientes para fundamentar as duas ciências: Animismo e Espiritismo, diferenciadas na sua origem, mas correlativas e complementares no seu desenvolvimento e finalidade, sendo a segunda o prolongamento lógico e natural da primeira.

* * *

A todos os estudiosos que desejem iniciar-se no mecanismo da morte, nas suas consequências póstumas, e no valor e dinamização do Pensamento e da Vontade no ponto de vista supranormal, peço licença para lhes recomendar a leitura das duas magníficas monografias, recentemente traduzidas em português, do eminente mestre, o prof. Ernesto Bozzano: «A Crise da Morte» e «Pensamento e Vontade».

Balzac e os fenómenos supranormais

pelo Coronel Faure da Rosa

II

SWEDENBORG

Manuel Swedenborg, filósofo místico, nasceu em Estocolmo em 1688. Primeiramente dedicou-se ao estudo de letras e ciências. Decorrido pouco tempo renunciou ao mundo e às funções que exercia para cumprir — dizia ele — uma missão divina. Pretendia comunicar com entes sobrenaturais, com o próprio Deus, com os anjos, com as almas dos mortos e deles receber revelações acerca do culto divino e das Sagradas Escrituras.

Swedenborg ficou conhecido pelo nome de «Profeta do Norte», e a sua doutrina tem a designação de *Suedemborgismo* que, como todas as doutrinas espiritualistas, distingue o mundo material do espiritual. Procura demonstrar: que a Trindade divina está toda inteira em Jesus Cristo e que nele se deve distinguir a humanidade, a divindade e a sua união numa única pessoa; que as Escrituras apresentam três sentidos, — o divino ou celeste, o espiritual e o literal; que o sentido divino só de Deus é conhecido; que o espiritual — perdido depois de Job — foi novamente revelado a ele Swedenborg. Um dos principais pontos do *suedemborgismo* é a comunicação contínua dos homens com os espíritos dos desencarnados. ⁽¹⁾

A. Aksakof veio para o Espiritismo depois de ter passado pelo *suedemborgismo*, do qual só se desligou — como ele próprio conta na sua autobiografia — por entender necessário recorrer a métodos mais nitidamente experimentais.

Henrique Geymuller, publicou, há anos, um livro em que reconhece as afinidades existentes entre a doutrina *suedemborgista* e a *espirita*, não obstante ser adversário confesso do Espiritismo.

Geymuller resume assim a lição psicológica contida nas experiências supranormais do Profeta do Norte:

1 — O espírito humano concebido como uma espécie de campo ⁹fechado, isto é, como entidade absolutamente autónoma e subsistindo por si mesma e bastando-se a si mesma, — não é mais que uma ficção psicológica.

2 — Na realidade, a actividade do nosso espírito provém da vida que nele influe, isto é, da vida espiritual que capta e transforma. Esta energia é-lhe transmitida pela colectividade dos seres pensantes que po-

voam o mundo espiritual, mas, em última análise, emana de Deus que é a origem de toda a vida.

3 — As relações que, normalmente, existem entre os espíritos e os homens, são as duma simbiose inconsciente, simbiose que constitue um dos principais factores da actividade psíquica dos dois mundos.

4 — O carácter essencialmente inconsciente desta simbiose é a condição *sine qua non* do funcionamento normal das nossas faculdades mentais que nos põe ao abrigo das consequências funestas a que conduziria a intervenção consciente dos desencarnados na nossa vida psíquica.

5 — A maior parte dos fenómenos espiritas, podem efectivamente ser provocados, consciente ou inconscientemente, pela influência dos espíritos no homem, e é precisamente isto que constitue perigo.

Como se vê, é, sobretudo, nas alíneas 3, 4 e 5 que Geymuller — não contesta a possibilidade das comunicações espiritas, embora as não aconselhe por as reputar perigosas.

O metapsiquista René Sudré — na apreciação do livro de Geymuller — reconhece que «os sábios executam frequentemente experiências perigosas, das quais muitos deles têm sido vítimas e, por certo, outros o virão a ser. Mas, ¿deveremos nós, por tal motivo, renunciar à experimentação? — Ou, pelo contrário, ¿devemos antes afrontar o perigo corajosamente, esforçando-nos por evitar erros e só compreendendo essas investigações armados, quanto possível, dum sólido alicerce de conhecimentos psico-fisiológicos?»

«Nós não podemos satisfazer-nos com as experiências dum único homem — curvando-nos servilmente ao *magister dixit* — quaisquer que sejam as faculdades desse homem. Devemos, antes, esforçar-nos por alargar o mais possível o domínio das nossas experiências; e, assim, todos nós, tanto espiritistas como metapsiquistas, somos menos dogmáticos, mais «científicos» que os *suedemborgianos*».

Nos fins do século XVIII — escreve Balzac em «Os abutres de Nemours» — a aparição de Mesmer dividiu a ciência profundamente.

⁽¹⁾ *Bescherelle*.

Mesmer em Paris, como em toda a França, teve adeptos e antagonistas fervorosos.

Antes da sentença, a Faculdade de Medicina procreveu em massa o pretendido charlatanismo de Mesmer, a sua celha, os seus fios condutores e as suas teorias. Mas «aquêle alemão comprometia desgradamente a sua magnífica descoberta com enormes pretensões pecuniárias».

Mesmer sucumbiu pela incerteza dos factos, pela ignorância do papel que desempenham na natureza os fluidos imponderáveis, então inobservados, e ainda pela sua inaptidão em procurar os lados duma ciência de triplíce face.

Nas mãos de Mesmer o magnetismo foi, em relação ao seu futuro, o que o princípio é para os efeitos. Mas se ao descobridor faltou o génio, não deixa de ser triste para a razão humana e para a França saber-se que uma ciência contemporânea das sociedades, ao mesmo tempo cultivada no Egito e na Caldéia, na Grécia e na Índia, teve, em Paris, em pleno século XVIII, a mesma sorte que tivera a Verdade na pessoa de Galileu no século XVI: o magnetismo foi ali repellido pelos duplos ataques dos religiosos e dos filósofos materialistas, igualmente espantados.

A ciência favorita de Jesus — um dos poderes divinos entregues aos apóstolos — parecia não ter sido prevista pela Igreja, como o não era pelos discípulos de João Jacques e de Voltaire, de Lockes e de Condillac.

Os milagres dos convulsionários ⁽¹⁾ sufocados pela Igreja e pela indiferença dos sábios, a-pesar dos escritos preciosos do conselheiro Carré de Montgeron, foram o primeiro passo para as experiências sobre os fluidos humanos que dão o poder de opor forças interiores bastantes para anularem as dores causadas por agentes exteriores. Mas seria necessário reconhecer a existência de fluidos intangíveis, invisíveis, imponderáveis, três negações nas quais a ciência da época queria ser uma definição do vácuo. Na filosofia moderna o vácuo não existe. Dez pés de vácuo e o mundo desapareceria. Sobretudo para os materialistas o mundo está cheio, tudo se sustem, tudo se encaixa.

Locke e Condillac retardaram, então, 50 anos o grande progresso das ciências naturais.

Alguns indivíduos de bom senso, convencidos por factos conscienciosamente estudados, perseveraram na doutrina de Mesmer que reconhecia no homem a existência duma influência penetrante, dominadora do indivíduo, posta em acção pela vontade, curativa pela abundância do fluido e cujo jôgo constitui um duelo entre duas vontades, entre um mal a curar e o desejo de curar.

Os fenómenos de sonambulismo, suspeitados por

Mesmer, devem-se a Puysegur e Deleuse. A revolução de 1789 deteve o avanço destas ciências com gáudio dos antagonistas.

O corpo de médicos de Paris desenvolveu contra os mesmerianos os rigores das guerras religiosas e foi tão cruel no seu ódio contra elles quanto era possível sê-lo naquêlo tempo de tolerância voltairiana. Os doutores ortodoxos recusavam relacionar-se com os doutores que seguiam a heresia mesmeriana.

Nem as desgraças, nem as tempestades revolucionárias (1789) extinguíram o ódio científico dos sábios.

«Não há como os padres, os magistrados e os médicos para odiarem assim». As ideias, porém, são mais implacáveis que as coisas: as ideias ficam e coisas e homens desaparecem.

A frenologia e a fisognomia, a ciência de Gall e a de Lavater que são gêmeas e das quais uma é para a outra o que a causa é para o efeito, demonstraram aos olhos de mais dum fisiologista as provas do fluido imponderável, base dos fenómenos da vontade humana e de que resultou as paixões, os hábitos, as formas do rosto e as do crâneo.

Os factos magnéticos, os milagres do sonambulismo, os da adivinhação e do êxtase, que permitem perscrutar o mundo espiritual, acumulam-se.

O conhecimento das relações de Swedenborg com os mortos, tão seriamente estabelecido na Alemanha; as narrações de Walter Scott sobre os efeitos da *dupla vista*; o exercício das prodigiosas faculdades de alguns dos que lêem a *buena dicha* e que confundem numa única ciência a quiromância, a cartomância e a horoscopia; os casos de catalepsia e os das propriedades do diafragma para certas afecções mórbidas, todos estes fenómenos curiosos, emanados da mesma

⁽¹⁾ Balzac refere-se aos célebres *Convulsionários de St. Medard*, (1727-1789). Jansenistas, — de Jansenius, teólogo holandês, bispo de Ypres, criador e pregador duma doutrina de redenção contrária ao catolicismo. Os jansenistas ficaram conhecidos pela designação de «Convulsionários de St. Medard», porque eram acometidos de violentas e terríveis convulsões no cemitério de St. Medard onde se reuniam e se operavam os «milagres». Certo é que curas reputadas «milagrosas» se produziram. O grande Pascal, que depois de um acidente se tornou mais místico que a irmã Jaqueline, tomou o partido dos jansenistas. São de Pascal as famosas 18 cartas anónimas — as «Provinciais» — em que defende o jansenismo e ataca os jesuítas com cáustica mordacidade.

As reuniões dos jansenistas no cemitério de St. Medard tornaram-se tão desordeiras e tumultuosas — e, às vezes, escandalosas — que, por ordem do rei, foi fechada a porta do cemitério. No dia seguinte apareceram na porta estes versos humorísticos:

*«De par le Roi défense à Dieu
De faire miracle en ce lieu».*

origem, impeliam os mais indiferentes para o terreno das experiências.

Em 1820 existia em Paris um mesmeriano perseguido, dotado de incalculável poder psíquico e dispondo de todos os meios magnéticos em tôdas as suas aplicações. Não somente curava, por si mesmo, a distância, as doenças mais cruéis e inveteradas, rapidamente e radicalmente, como outrora o Salvador dos homens, mas ainda produzia instantaneamente os mais curiosos fenómenos de sonambulismo... Exalava-se dêle uma energia concentrada, irresistível.

Um dia, êste mesmeriano, que se recolhera a uma impenetrável solidão, foi procurado por um médico partidário do mesmerismo que ali conduzia um velho colega acérrimo antagonista de tal doutrina.

Junto do mesmeriano estava a médium em transe: uma mulher que parecia pertencer a uma classe inferior. Ao vê-la, o velho adversário do mesmerismo perguntou se ela dormia.

— O seu corpo está anulado... respondeu o desconhecido. Os ignorantes consideram êste estado como sono; mas esta mulher vai provar-lhe que existe um universo espiritual onde o espírito não reconhece as leis do universo material.

E agarrou na mão do velho incrédulo e, depois de a conservar nas suas durante uns momentos de concentração, colocou-a na da médium. Em seguida estendeu a sua mão por cima da cabeça da médium e ordenou-lhe que obedecesse ao velho doutor.

— Vá a minha casa na rua dos Burgueses, em Nemours, — mandou o doutor.

Decorridos instantes, a médium disse com voz fraca e como quem estivesse olhando para dentro de si com a maior atenção:

— Vejo um riacho e um pequeno jardim onde está a bonita rapariga, sua pupila, em quem o senhor pensa e que muito lhe quer. Entrando no jardim pelos degraus que vão dar ao riacho, encontra-se, à direita, uma galeria, espécie de biblioteca, em cujas paredes vejo estantes com livros catalogados. À esquerda corre um muro revestido dum massiço de plantas trepadeiras, brionias e jasmims. Ao centro está um relógio de sol. Há muitas jarras e flores. Neste instante a sua pupila está examinando essas flores... mostra-as à ama... excava o terreno com um sacho e nas pequenas covas lança sementes de resedá e de balsamina... e... de esporas também.

A descrição era perfeita. O doutor tomou nota da hora exacta em que a médium falara.

De frase para frase da médium decorriam instantes, minutos por vezes, durante os quais a sua atenção mais e mais se acentuava. Na frente da médium desenhavam-se esforços interiores, e ora se iluminava, ora se contraía por um poder cujos efeitos tinham

sido notados pelo doutor, nos moribundos, apenas, nos momentos em que são dotados do dom da profecia.

Logo que regressou a Nemours, o velho médico verificou que tudo se passara como a vidente annunciara, e isto abalou-lhe a incredulidade. E cismava...

Por maior que fôsse o poder que attribuisse à divisibilidade, à mobilidade da matéria, o que não podia era admitir-lhe qualidades quasi divinas... Tôda a sua ciência, baseada nas asserções da escola de Locke e de Condillac, caía em ruínas... Mas, ainda que se sentisse atingido no coração, não se decidia...

Pensativo, melancólico, lia a *História das Variações*, de Bossuet, lia Bonald, lia Santo Agostinho, lia os *Pensamentos*, de Pascal, e leu também as obras de Swedenborg e de Saint-Martin, de que lhe falara, em Paris, o homem misterioso. E o edifício construído pelo materialismo estalava por todos os lados...

Uma noite, na habitual reunião da sua casa de Nemours, o velho doutor perguntou ao abade se acreditava em aparições...

O abade retorquiu-lhe que Cardan, o grande filósofo do século XVI, acreditava nelas e afirmava que as vira... que Jesus, após a sua morte, aparecera aos discípulos e que quanto a milagres não faltavam, o mais recente dos quais — então — era o do bispo Liguori que, estando ausente de Roma, nos fins do século XVIII, soube da morte do papa no próprio momento em que êste expirava, tendo até ouvido as derradeiras palavras do soberano pontífice, palavras que o bispo repetira na presença de muitas pessoas. Somente trinta horas depois chegou o correio com a triste notícia...

O abade citou Swedenborg que provara a evidência que comunicava com os mortos e, trazendo da biblioteca do doutor a edição de 1666 da *História de Henrique de Montmorency*, escrita por um eclesiástico, abriu-a a páginas 175, onde se lê o seguinte:

«O cerco de Privas tornou-se notável pela perda de algumas pessoas de importância: dois marechais de campo ali morreram, a saber: o marquês de Uxelles duma ferida que recebeu quando estava nos estrinchamentos, e o marquês de Portes dum tiro de mosquete na cabeça. No dia em que foi morto devia ser nomeado marechal de França.

«Pouco mais ou menos no momento da morte do marquês de Uxelles, o duque de Montmorency, que estava dormindo na sua barraca de campanha, acordou sobressaltado ao ouvir uma voz semelhante à do marquês, que dêle se despedia. A amizade que o duque consagrava àquêlê homem, que era seu próximo parente, fez com que êle attribuisse a ilusão dêste sonho à força da sua imaginação; e o trabalho da noite, que, segundo o seu costume, o duque passara nas trincheiras, foi causa de que tornasse a adormecer sem

O VALOR DA PRECE E A EFICÁCIA DA CONCENTRAÇÃO

pelo Dr. Pedro Dias de Sousa

COMO natural seqüência dos artigos anteriormente publicados ⁽¹⁾, vamos hoje fazer algumas considerações à-cêrca da *prece* e da *concentração*.

Elas são tanto mais necessárias, quanto é certo que a confusão a respeito destas duas formas de actividade mental é bastante freqüente, chegando-se mesmo, nas sessões experimentais — onde devem ter constante aplicação — a usar duma, no momento em que a outra é que está naturalmente indicada.

Importa, por conseguinte, esclarecer um pouco o assunto, e ensinar a quem o não conheça ainda, ou a quem não possua ideias suficientemente claras, o modo como deve exercitar o pensamento no sentido de conseguir torná-lo apto para traduzir êsses dois estados psíquicos tão diferentes.

* * *

Se o pensamento, quando convenientemente emitido e devidamente orientado, é uma das forças mais poderosas, senão a mais poderosa, de que o homem pode dispôr em seu benefício e em benefício dos seus semelhantes, convém não desprezar os processos mais eficientes — a *prece* e a *concentração* — de o pôr em movimento para atingirmos os estados de alma que

melhor poderão proporcionar-nos o caminho da verdadeira felicidade.

Porque verdadeiramente feliz será o homem que consiga, pelo esforço da sua vontade, aproximar-se de Deus, e pelo completo domínio do pensamento ser inteiramente útil aos seus irmãos espirituais.

* * *

Está hoje suficientemente demonstrado, através de sucessivas e controladas vidências, que o pensamento, semelhante a ondas hertzianas, com a freqüência de 30 a 30.000 vibrações por segundo, tem forma, cor e vida próprias, dependendo as primeiras da natureza e qualidades dos sentimentos geradores e a última da intensidade com que os pensamentos são emitidos e alimentados ⁽²⁾.

O segredo do trabalho do pensamento reside, especialmente, em saber imprimir-lhe direcção, conhecimento que, *normalmente*, só um aturado exercício, aliado a uma grande força de vontade, pode proporcionar. E dizemos «normalmente», porque indivíduos

⁽¹⁾ Vejam-se os n.ºs 1 e 2 desta revista.

⁽²⁾ Os notáveis ensaios levados a efeito, por meios fotográficos, pelo Coronel Darget e Dr. Baraduc, são concludentes.

nenhum receio. Mas a mesma voz o interrompeu mais uma vez, e o fantasma, que êle da primeira vez apenas vira em sonho, obrigou-o a acordar de novo e a ouvir distintamente as mesmas palavras que pronunciara antes de desaparecer. O duque lembrou-se, então, de que um dia, ouvindo discorrer o filósofo Pitrat sobre a separação da alma do corpo, ambos se tinham prometido despedirem-se um do outro, se o primeiro que morresse tivesse permissão para o fazer.

«Em resultado do que, não podendo duvidar da verdade do aviso, o duque enviou imediatamente um dos seus escudeiros à tenda do marquês, que ficava muito afastada da sua. Mas antes do regresso do mensageiro, gentes, enviadas pelo rei, entraram a consolá-lo da perda que êle tinha sofrido.

«Deixo aos doutores discutirem sobre o motivo dêste acontecimento que muitas vezes ouvi narrar ao duque de Montmorency, e que eu julguei digno de notar aqui tanto pela sua maravilha como pela sua verdade».

ERROS TIPOGRÁFICOS — No artigo «Comunicações Supranormais», aponto os mais importantes que tornam impossível a compreensão do texto: página 22, primeira coluna, linhas 32 e 33, — onde se lê «novo entendimento» e «novo sistema», leia-se *nosso entendimento* e *nosso sistema*, respectivamente; páginas 22, segunda coluna, linha 47, onde se lê «ma sem», leia-se *mas em*.

há, embora, raros, que orientam os seus pensamentos sem que disso tenham a mais insignificante manifestação de consciência ou a mais rudimentar preparação mental.

Pela forma e pela côr — resultantes da natureza e qualidade — os pensamentos atraem-se ou repelem-se, com mais ou menos intensidade, obedecendo, portanto, à lei das afinidades, tão simples de compreender.

Um pensamento de ódio, de orgulho ou de inveja, é sempre alimentado pelos semelhantes que, infelizmente, existem, em grande profusão, no meio ambiente.

Se aquele que o emite não sabe dar-lhe direcção — como, por felicidade quasi sempre succede — o pensamento fica como que boiando, ao contacto com todos nós, fazendo os seus grandes ou pequenos estragos enquanto conserva sufficiente vitalidade e, muitas vezes, atingindo, de preferênciã, a pessoa que o criou, que sentindo aumentarem esses sentimentos inferiores, sofre intoleráveis suplicios.

Pelo contrário, pela emissão de pensamentos que traduzam apenas sentimentos nobres e elevados, criamos a paz para a nossa consciência e impedimos que os pensamentos de natureza e qualidades diferentes se abeirem de nós.

Compreende-se, agora, a razão porque os Instrutores constantemente nos aconselham a não termos outros pensamentos que não sejam de amor e de concórdia.

Apresentadas estas ideas, indispensáveis para uma proveitosa compreensão do que vai seguir-se, trataremos de estudar

A PRECE — A prece ou oração, é um pedido, uma súplica ardente, que fazemos, em ondas de pensamento, ao espirito purissimo de Deus, ou dos seus Mensageiros. É também auxilio, conforto, resignação que, à distância, podemos enviar aos que desfalecem, sofrem e desesperam.

Quem ora com fervor e com fé, quem ora compreendendo o alto significado e o extraordinário valor da prece, realiza o mais belo, o mais fecundo e o mais completo fim do pensamento.

Para ter valor, a prece — que consideramos a mais activa e a mais elevada manifestação mental — não precisa nem de ser longa nem de cingir-se a fórmulas especiais; basta-lhe ser sincera e verdadeiramente sentida.

Contudo, as orações feitas, são precioso e indispensável auxiliar das pessoas que não improvisam com facilidade.

A prece deve ser silenciosa, isto é, nascer unicamente no nosso pensamento, e não feita em voz alta ou mesmo simplesmente articulada num mexer de lá-

bios, para que não perca nada da sua força e efficácia.

Os pensamentos gerados pela prece, quando convenientemente emitidos, atravessam, num repente, os planos inferiores e, nos de alta espiritualidade, haurerem as necessárias forças e condições indispensáveis à obra de paz, de amor e de concórdia, de perdão e caridade, a que estão destinados.

Felizes, verdadeiramente felizes, aquêles que sabem orar!

Uma prece, emitida com a necessária elevação, ao mesmo tempo que contribue para a *higiene psíquica* de quem a faz — por arrastar consigo uma quantidade maior ou menor dos seus fluidos inferiores — estabelece uma verdadeira comunicação entre o plano físico e os planos superiores, podendo, assim, aquêles que ora, receber os fluidos purificados das altas esferas da espiritualidade.

Segundo Allan Kardec, «são principais qualidades da prece: a clareza, a simplicidade e a concisão, sem fraseologia inútil, sem luxo de epítetos, que valem como lantejoulas. Cada palavra deve ter um alcance, despertar uma idea, comover uma fibra; finalmente, *deve fazer reflectir*. Sob esta condição somente é que a prece pode atingir o alvo; de outra forma será apenas como que um *sussurro*.» (1).

Verdadeiramente não se ensina a orar, porque estando a oração dependente de múltiplos factores, cada um manifestando-se de maneira diferente para cada indivíduo, só nós mesmos poderemos criar ou desenvolver as melhores condições para uma prece eficaz.

A título meramente informativo damos, a seguir, indicações sobre um dos processos mais fáceis de compreender e de pôr em prática por quem deseje fazer uma oração proveitosa. É, aliás, aquele que usamos, e com o qual temos tirado excelentes resultados.

Fixado fortemente o nosso pensamento no objecto ou fim que determina a prece, imaginando, com os maiores detalhes, todo o trabalho a que vão ser sujeitas as formas-pensamentos criadas, focaliza-se, como que numa sobreposição de imagens, a figura de Cristo ou outra que desperte em nós particular emotividade.

Depois, sem perder o dominio do pensamento assim elaborado e num esforço grande da vontade, num impulso enérgico, deixemos a prece partir, estabelecendo-lhe como centro de atracção a idea de Deus.

Concluída a oração, mantenhamo-nos, por momentos, num estado de absoluta passividade mental.

Li algures que todo aquêles que pretende explicar Deus, erra tanto como o que O nega pura e simplesmente.

(1) O Evangelho segundo o Espiritismo.

Embora não concorde inteiramente com esta opinião, por a considerar defeituosa pelo que respeita à sua segunda parte, concordo, com Prentice Mulford ⁽¹⁾, que a natureza de Deus «é tão profunda que a mente se perde e esvai, quando tenta, ao menos, compreender a essência da força que O anima, pois não tem princípio nem fim, nem no tempo nem no espaço.»

Mas embora reconheçamos a impossibilidade de dominar a ideia de Deus, «todos devem convir em que o Universo está repleto dum Poder, uma Inteligência, um Espírito Infinito também, dividindo-se a potencialidade desse Espírito Universal, em miríades de gradações, desde a mais simples, até alcançar as maiores culminâncias, sublimidades e transcendências, como nem sequer agora podemos compreender. Dê-se a esse poder o nome de Deus, de Infinito ou de Grande Espírito, como se chama na Índia. Tudo é o mesmo». ⁽²⁾.

Nesta ordem de ideias, todos nós devemos criar ou estar de posse de um processo de podermos dirigir as nossas preces para Deus. Por muito imperfeito que seja, é indispensável a quem ora.

A prece, ao contrário do que muita gente supõe, deve ser feita estando o corpo em posição cômoda, em local quanto possível isolado e onde a luz não seja muito intensa

Vejamos agora em que consiste

A CONCENTRAÇÃO — Tanto quanto nos é permitido fazê-lo, consideraremos a prece como *uma manifestação dinâmica do pensamento* e a concentração como *uma manifestação estática do mesmo pensamento*.

Somos os primeiros a reconhecer que é flagrante o erro desta última definição, pois o pensamento sendo vibração é sempre movimento. Com as expressões *estática* e *dinâmica* pretendemos apenas fixar no espírito do leitor a ideia de que, na concentração espírita, não carecem as formas-pensamento, para realizarem o seu trabalho, de se afastarem do meio físico ambiente onde se faz a concentração.

Na prece, pelo contrário, toda a nossa força de vontade, todo o nosso anseio, devem ser empregados em exteriorizar os pensamentos para os planos superiores.

Vem a propósito dizer, que tanto pelo que respeita à prece como à concentração — e especialmente quanto a esta última — apresentamos, quasi sempre, pontos de vista próprios, talvez até em conflito com opiniões de autores consagrados. O leitor, porém, é livre, evidentemente, de os aceitar ou não, ou de os aceitar apenas em parte.

É conveniente, também, esclarecer, que não temos em mira fazer um estudo profundo destes dois importantíssimos problemas, mas unicamente focar os pon-

tos que nos parecem essenciais para se conseguir, dentro das práticas espíritistas, a preparação e manutenção dum ambiente favorável à fenomenologia para que estejam indicados.

* * *

Segundo J. I. Wedgwood ⁽³⁾, «a concentração consiste em fazer convergir o pensamento sobre uma ideia, e fixá-la nela».

Se somos de opinião de que se não ensina a orar, — porque a oração deve nascer espontaneamente e depende, em primeiro lugar, da nossa emotividade — entendemos, pelo que respeita à concentração, que por sucessivos exercícios, convenientemente graduados, qualquer pessoa chegará a obtê-la perfeita.

Nos primeiros tempos, os exercícios de concentração devem fazer-se fixando o pensamento num objecto que esteja diante de nós, excluindo do espírito qualquer pensamento que lhe seja estranho.

Por ser um poderoso auxiliar da concentração, devem os principiantes repetir em voz alta as observações que o objecto escolhido lhes for sugerindo.

A princípio verificarão que lhes não é possível demorar o pensamento sobre o objecto escolhido, mais que alguns segundos, tantas são as ideias diversas que, em turbilhão, lhes acodem ao cérebro. À medida, porém, que os exercícios forem sendo repetidos, os progressos serão sensíveis.

Obtido um notável e seguro domínio do pensamento sobre objectos materiais, a concentração passará a fazer-se, *ainda em voz alta*, sobre uma ideia, uma virtude, um sentimento.

Depois, a concentração, passará a ser *silenciosa*, a princípio sobre objectos materiais — mas agora idealizados — e, finalmente, sobre ideias, virtudes ou sentimentos.

Os exercícios de concentração — e a própria concentração, a-final — devem ser feitos sempre às mesmas horas, estando o corpo em posição cômoda, mas só em casos raros deitado, as mãos unidas descansando levemente sobre as pernas, os pés unidos, ou o pé direito traçado sobre o esquerdo. A respiração não deve ser dificultada por cintas ou roupas demasiado justas.

* * *

Conclue-se, portanto, que não é possível fazer uma prece com valor, desde que se não consiga uma eficaz concentração.

⁽¹⁾ A Prece através dos tempos.

⁽²⁾ Idem.

⁽³⁾ A meditação para uso dos principiantes.

¿ MORTOS OU VIVOS ?

Jan/Fev

40

MORS VICTA

por Manuel Tavares

COM os mortos e os vivos dá-se um facto curioso e paradoxal: enquanto nós, do Aquém, damos o nome de mortos aos que desencarnam, estes, do Além, consideram-nos mortos a nós! De que lado está a razão? Com um pouco de raciocínio, verificaremos que a razão não está connôco. Senão, vejamos:

Do bicho da sêda que tece em volta de si o seu casulo transformando-se depois em crisálida e da borboleta que rasga êsse casulo para voar — qual delas tem mais aparência de morte? A crisálida — sem dúvida. Pois bem. Ainda que a comparação seja um pouco grosseira, a crisálida representará para nós a reencarnação da alma num novo corpo, e a borboleta a libertação dessa alma da prisão em que se tinha encerrado, isto é, do corpo velho.

Jesus também nos considerava mortos, pois que, quando um Seu discípulo Lhe pediu consentimento para ir enterrar um parente morto, Lhe respondera: «deixai que os mortos enterrem os seus mortos.»

Somos realmente os mortos da carne com a alma nela mergulhada e sujeita aos achaques daquela, às suas necessidades e até aos seus caprichos e apetites. Basta que um minúsculo órgão cerebral funcione mal ou se atrofie, para que sintamos tonturas, vertigens, mal-estar e até para que o espírito mais lúcido e sábio se transforme num cretino ou num doido. De toda a lucidez que o nosso espírito possuía no Além antes de nascer, de todos os conhecimentos científicos e qualidades morais adquiridas em existências dolorosas, resta-nos uma velada inteligência e uma vaga recordação que necessita ser avivada pelo estudo e pelo trabalho. Por isso, o Dr. Maxwell afirmou que às disposições favoráveis do corpo correspondem condições favoráveis do espírito.

Da oportunidade de emprêgo duma ou doutra forma de actividade mental nas sessões espiritistas ajuizará o experimentador, tendo, principalmente, em conta, que os pensamentos gerados pela prece realizam o seu trabalho a partir das altas esferas de espiritualidade, ao passo que os pensamentos gerados pela concentração são eficazes desde a sua origem e devem ser, por si sós, capazes de manter liberto de influências inferiores o meio físico ambiente onde são criados.

Na verdade, por muito lúcido que o espírito seja, se as condições físicas do seu corpo não o auxiliarem nas suas manifestações, êle não pode produzir tanto e tão bem como produziria em condições normais. Tal qual um violinista exímio que não pode tirar dum péssimo violino a melodia que tiraria dum *Stradivarius*.

Somos bem os mortos da carne, porém, o próprio véu que a matéria tece em volta do nosso espírito, cega-nos ao ponto de nos considerarmos os verdadeiros vivos e chamarmos mortos aos que alcançaram a liberdade espiritual, chorando e lamentando a sua desdita, quando, afinal, se encontram na sua verdadeira pátria, possuidores de um acréscimo de vida exuberante, com as suas faculdades mentais integras, com órgãos visuais que abrangem horizontes mais vastos que os da Terra, livres, enfim, do pesado fardo da matéria e podendo transportar-se dum ponto ao outro com a facilidade e a rapidez do pensamento!

No Congresso Espirita Internacional realizado em Londres em 1928, André Ripert fez a seguinte afirmação, produto dos estudos psíquicos dos anos anteriores: *o homem real, integral, é infinitamente mais vasto e complexo que o homem que os nossos sentidos conhecem.*

Jesus também disse que os que acreditassem Nêle não morreriam, mas teriam a vida eterna, isto é, não teriam mais necessidade de reencarnar, por já terem evoluído, e viveriam a verdadeira vida: a vida espiritual.

* * *

No Além, quando é chegado para um espírito o momento solene da sua partida para a Terra, a-fim-de vir reabilitar-se aonde prevaricou e na carne em que pecou, os seus amigos espirituais vêm despedir-se dêle com sentida comoção, animando-o e encorajando-o, chorando o amigo que entrou em perturbação e que partiu para o cativeiro. Nós, ao vermos renascer êsse espírito, exultamos de alegria e festejamos a sua vinda, porque é o nosso filho, a carne da nossa carne, o sangue do nosso sangue.

Quando um espírito desencarna, nós cobrimo-nos de luto, colocamos o defunto numa «câmara ardente» coberta de crespes e alumiada apenas pela luz triste e mortíça de algumas tochas, velamos o corpo, cician-do a nossa mágoa, exteriorizando a nossa dor e la-

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Médico que ausculta um espírito materializado

Há tempos, a revista semanal espírita *The Two Worlds* referiu-se à extraordinária experiência de auscultação a um espírito materializado, feita na presença de três médicos, entre os quais o Dr. Blatt, notável ginecólogo e cirurgião de Brooklin, e o Dr. A. Sturm, clínico de Nova York. O relato foi extraído do livro intitulado «Os Fenómenos das Salas de Sessões», do Doutor Edwin Bowers, que ali menciona as experiências de Sir William Crookes, expondo o desejo que o dominava de repetir, com o médium americano Frank Decker, as célebres sessões do sábio inglês com Florence Cook.

O Dr. Blatt declarou que a pulsação rítmica do coração duma entidade materializada fôra verificada por êle e outros facultativos em Outubro de 1935, durante uma sessão de materializações e experiências com trombetas luminosas, realizada pelo médium Frank Decker. Como o Doutor Bowers tivesse pedido uma demonstração dessa espécie, o doutor Blatt encostou o ouvido direito ao peito da forma materializada, que parecia coberto de cabelos ou de gaze, mas não pôde notar qualquer movimento respiratório. Apesar de tudo, ouvia bater, normalmente, um coração,

mentando o amigo que... coitado, morreu! No Além, nesse mesmo momento, acontece precisamente o contrário: amigos desvelados e o guia espiritual do falecido, acorrem pressurosos a dar-lhe as boas-vindas, festejando o regresso daquele que saíu vitorioso das provas a que se sujeitou e que volta ao convívio directo dos seus amigos e parentes, auxiliando-o a desprender-se dos laços materiais para o levarem depois em apoteose até ao local onde deve descansar e terminar a perturbação natural que o espírito sente após a morte do corpo físico.

¿ Quais serão, pois, os verdadeiros mortos? ¿ Nós, ou eles?

O leitor de boa-fé já fez, de-certo, o seu juízo e já disse para consigo que, na realidade, aqueles que partiram para o Além estão mais vivos do que nós e que, portanto, não há razão para temermos a morte, a não ser que... tenhamos sempre procedido em desacôrdo com a nossa consciência e que o remorso nos macere a alma.

embora a tonalidade muscular parecesse frouxa, como sucede na miocardite. Quanto aos ruídos cardio-apicais sistólicos e diastólicos, eram ouvidos com regularidade.

O Dr. Bowers perguntou ao espírito de John Benton se não poderia materializar ou simular dois pulmões que permitissem ouvir os ruídos respiratórios, como no caso de Katie King. A resposta foi categórica: «Na proxima sessão, traga um estetoscópio».

Munidos do aparelho, Blatt e Bowers realizaram uma sessão em 5 de Dezembro do mesmo ano. E à medida que o espírito movia o diafragma, sobre o tórax, os dois médicos ouviam o ruído característico da fricção do aparelho. Colocando o estetoscópio junto ao coração, acusava imediatamente os ruídos cardíacos. Depois, a pedido dos facultativos, o diafragma foi colocado próximo do vértice do pulmão e o Dr. Bowers afirma ter ouvido claramente o som característico da respiração pulmonar e o levantar e abaixar causados por inspirações e expirações.

Eis como o Dr. Blatt conta as suas impressões da auscultação:

Em 5 de Dezembro de 1935, levei o meu estetoscópio à sessão realizada com auxílio do médium Decker, visto os seus guias haverem prometido facilitar a auscultação. Antes do início dos trabalhos, entreguei o aparelho ao Dr. Bowers e, quando se manifestou a entidade materializada, este médico auscultou primeiro o coração e depois os pulmões, demonstrando que ouvia nitidamente os dois órgãos.

«Depois, foi a própria forma materializada, quem me entregou o estetoscópio, tendo eu introduzido os tubos nos ouvidos, ficando o aparelho pendente e eu um pouco inclinado para a frente. Acto contínuo, sinto que alguém pega no instrumento e o coloca contra qualquer objecto. Novamente ouço os ruídos cardíacos, como sucedera quando auscultei o tórax do fantasma John Benton, em Outubro de 1935. Verifiquei que a regularidade do ritmo era um facto e que os movimentos de sístole e de diástole eram inconfundíveis embora denotassem alguma debilidade muscular.

«Logo que declarei ter ouvido as pulsações cardíacas do fantasma, foi retirado o estetoscópio. Ouvindo então, apalpar de dedos que pretendiam colocar o instrumento na superfície pulmonar.

«Neste meio tempo, ouvi inspirar profundamente como na auscultação normal de tecidos pulmonar em bom estado de saúde. E o som da expiração era igualmente, claro, sem ruídos anormais.

«O aparelho foi, novamente, aplicado ao tórax eu ouvi, com nitidez, inspirações e expirações.

«No fim dos trabalhos, examinei o coração e pulmões de Frank Decker, tal como Crookes, quando examinou Katie King, comparando os ruídos do pe-

desta última com os da médium, e verifiquei grande diferença entre este exame e o que fiz à entidade materializada. É isto pelos motivos seguintes:

1.º — A caixa torácica de Frank Decker era muito menor, assim como a espessura das costelas. O relêvo do tórax era maior e a temperatura mais elevada.

2.º — O ruído do músculo cardíaco não dava indícios de degenerescência do miocárdio e os ruídos de sístole e diástole eram muito mais fortes e nítidos e a pulsação mais rápida.

3.º — Ao auscultar os pulmões de Frank Decker, directamente ou com o estetoscópio, notei muitos sons anormais, através dos pulmões, sons claros e precisos, que se não confundiam com os dos pulmões do fantasma John Benton, absolutamente isentos de ruídos anormais.

«Estas experiências foram as mais extraordinárias que realizei em toda a minha vida.»

Notáveis curas espíritas

The Greater World publicou um artigo deveras edificante, acerca das curas obtidas pelo médium Mr. Mayne, controlado pelo seu espírito-guia, conhecido pelo «Dr. Robin».

Trata-se, realmente, de curas importantíssimas, a que não podemos deixar de dar o relêvo que merecem.

«De tempos a tempos — escreve o articulista sr. H. J., — temos aqui publicado notícias referentes a curas feitas pelos Espíritos, por intermédio de vários médiuns. Hoje, vamos contar aos leitores outra estupenda revelação de cura feita pelo poder dos Espíritos, demonstrado no Grupo Familiar de Mr. Mayne, em Guild Street, 29, Burton-on Trent, Londres.

«O médium é o sr. Mayne, que costuma ser auxiliado pela esposa; e o espírito-guia é um índio norte-americano conhecido no grupo pelo nome de «Dr. Robin» e que, durante cinco anos, tem trabalhado com este médium, com a assistência doutros médicos desencarnados.

«A sessão a que me refiro começou com algumas preces dos esposos Mayne. Depois, o médium caiu em transe e logo o «Dr. Robin» entrou a falar em inglês próprio da sua raça, ocupando o seu lugar à mesa, preparada com óleos e vários ingredientes, toalhas limpas e algodão hidrófilo.

«Um dos primeiros doentes sofria de cataratas e era curioso observar a delicadeza com que o Guia lhe limpava os olhos com algodão, a-pesar do médium ter

os olhos completamente fechados. A perícia demonstrada pelo Guia, ao fazer pequenas operações cirúrgicas, revelava longa prática de semelhantes tratamentos. A medida que fazia o tratamento, proferia curtos «huns» de aprovação e satisfação, acompanhados de amáveis conselhos à doente que, antes desta intervenção, ficara praticamente cega. Agora, porém, as cataratas começavam a desaparecer e a vista ia voltando à normalidade.

«Outro tratamento consistiu em passes e maçagens magnéticas numa rapariga que tinha um braço paralizado, por ter caído duma balastrada e não haver conseguido curar-se no hospital. Após dois anos de cuidadoso tratamento pelo Guia do sr. Mayne, completou-se a cura e a rapariga pôde andar de bicicleta. Por aqui se avalia a importância do tratamento espirita. Era digno de atenção o facto de os músculos e os nervos do braço terem sido influenciados pelo tratamento magnético, sem haver contacto do médium com a paciente».

Mas as curas não ficaram por aqui. A senhora Mayne, por exemplo, sofreu de dois tumores da cabeça, que lhe foram extirpados, tendo a ferida sido curada sem auxílio de pontos; e o pequeno Tommy, de Derby, era quasi imbecil, quando o levaram ao Grupo. Sofria de estrabismo e os especialistas tinham

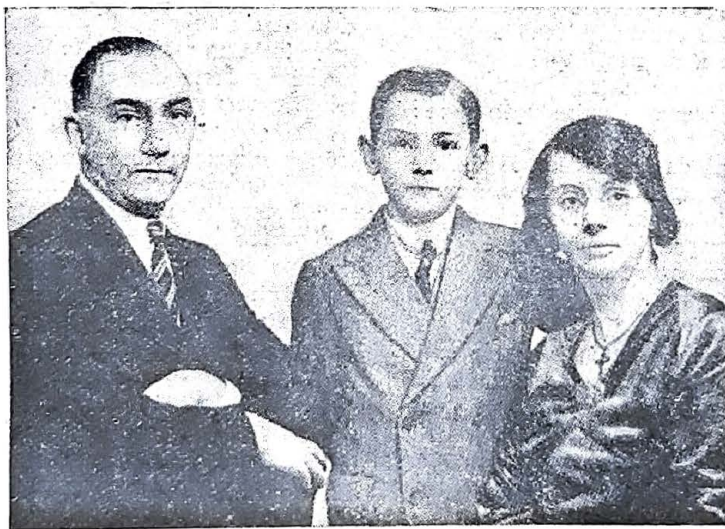
aconselhado os pais a interná-lo num manicómio. Pois, três tratamentos lhe bastaram para a cura. Já vai à escola e nada sente nos olhos.

Outro caso interessante: uma senhora caíra à cama e não conseguia dar um passo, acometida de paralisia das pernas. A-pesar-de o sr. Mayne nunca a ter visto, o Guia receitou-lhe uma pomada que a curou, absolutamente. Como se vê, aqui, o tratamento foi feito a grande distância da enferma.

O articulista refere também uma

conversa que teve com a senhora Bishop, de Horninglow, em que esta revelou espantoso facto passado com sua filha Rose, que fora vítima de desastre sério. Eram tais os ferimentos, que se viu obrigada a fazer operação ao cérebro. E, embora melhorasse consideravelmente, foi atacada de paralisia no braço e na perna direitos. Como perdesse a esperança da cura, tentada no hospital, dirigiu-se ao Grupo do sr. Mayne, apoiada a duas bengalas e andando com grande dificuldade. Pois, ao cabo de dois meses de tratamento magnético, a rapariga atirou fora as bengalas e, pouco depois, recuperou doze quilogramas de peso, estando agora em vias de restabelecimento.

Os métodos usados pelo «Dr. Robin» eram seme-



OS ESPOSOS MAYNE COM SEU FILHO TOMMY

lhantes aos usados na América do Norte. Em primeiro lugar, punha em acção os centros nervosos. Depois, movia o braço «paralisado», para a frente e para trás, sem que a doente sentisse a mais pequena dor. O mais extraordinário é que estes movimentos accionavam todos os nervos e músculos do membro paralisado.

Esta notável cura espirita, feita por intermédio do sr. Mayne, durou duas horas e meia, sem que o médium denotasse qualquer fadiga.

Com trabalhos destes, vai singrando o Espiritismo pelas sete partidas do mundo, persistindo na obra de curar doentes e aliviar os tristes que se acolhem à sua bandeira de paz e fraternidade, associando ao mesmo pensamento o espiritual e o material.

Uma sessão chinesa

Light, a interessante revista espirita inglesa, inseriu há tempos curioso relato duma sessão chinesa, extraído do livro «Social Life of the Chinese», publicado em Londres, aí por voltas de 1868. É o seu autor o missionário Justus Doolittle, o qual estudou a língua, costumes e religião dos chineses, durante longa permanência naquele vasto país.

Embora as crenças religiosas deste povo estejam imbuídas de superstição, os chineses acreditavam na sobrevivência, como ainda hoje atestam as suas cerimónias fúnebres. Não há dúvida de que os sacerdotes do Celeste Império sempre estiveram familiarizados com as forças psíquicas; e a descrição que segue dá-nos a mais clara impressão de como eles consultavam os médiuns. Segue o seu resumo, em tradução livre:

«O método singularíssimo da invocação aos deuses, seguido nos templos ou nas casas particulares, é análogo ao das sessões de tiptologia (mêsas de pé de galo) e pratica-se quasi sempre de noite e no intuito de ser útil a qualquer pessoa, o que não impede de os interessados oferecerem um ou outro presente aos médiuns operadores.

«Além do interessado, são necessários, pelo menos, dois executantes da cerimónia, um dos quais se senta numa cadeira, em frente da mēsa, sobre a qual ardem varas de incenso e velas iluminam o idolo, enquanto o outro vai desenhando a lápis um amuleto em papel amarelado, que acende em seguida, movendo-o lentamente e de cima para baixo, defronte do suplicante, que está sentado, tudo com o fim de libertar o interessado de influências malélicas e preparar-lhe o corpo para residência temporária do deus invocado. Depois, este médium levanta-se, de olhos vendados, e recebe do companheiro uma vara acesa de incenso, que ele abraça com as duas mãos e segura tranquilamente, sempre de olhos fechados e de costas para a mēsa. O outro comparsa começa, então, a entrelaçar os dedos das duas mãos, na crença de que tais movimentos agradam à entidade invocada. Depois, aproxima-se do suplicante, que está de pé e ao qual faz uma espécie de passe, como se tivesse desejo de lhe bater na cara. Este rápido movimento separa os dedos do operador, que novamente os entrelaça, fazendo-lhe mais passes. Parece que esta operação, que se repete muitas vezes, é de grande eficácia para atrair a vinda do deus.

«O médium, que se conserva de olhos fechados, durante a sessão, em breve dá indícios de estar pos-

suído de poder invisível e sobrenatural: o corpo inclina-se para a frente e para traz, a vara de incenso cai-lhe das mãos e começa a andar em volta, com passos especiais e toma as atitudes características daquele deus, facto este que indica, infalivelmente, a presença da divindade. Se o indivíduo que dá origem à invocação declara que a divindade principal acedeu à sua consulta, então o médium, depois dum pequeno intervalo, assume, em geral, a atitude do invocado, como prova de que este chegou, e o suplicante avança com três varas de incenso nas mãos, ajoelha em frente do médium e pede-lhe que se assente. Este senta-se e o outro expõe, finalmente, o fim da consulta.

«Muitas vezes, segue-se conversação animada acerca do assunto da invocação, pretendendo um dar a informação desejada, enquanto o outro a recebe com humildade e gratidão. Também não é raro o deus aplicar boa reprimenda, quando a invocação é feita para fins ilícitos».

Anúncio de reencarnação confirmado pelos factos

O caso que vamos referir foi relatado em 1936 pela revista francesa *Survie* e transcrito nalgumas publicações mundiais do género. O que nos leva a inseri-lo nestas colunas, não é somente a sua importância probatória no tocante à hipótese da reencarnação, mas também o facto dos elementos nos virem do autor do relato e com maior somas de pormenores.

O nosso confrade José Ramos Corrêa, de Portimão, escreveu, naquela data, ao sr. Charles Brizzolara, pedindo informações acerca do artigo da *Survie* e este senhor respondeu-lhe em carta, da qual extraímos os parágrafos que seguem:

«No dia 13 de Outubro de 1926; morreu a minha filha única de oito anos, criança prendada e forte e demonstrando grandes qualidades morais e intelectuais, pois já aos sete anos fazia transposição musical. Sendo eu, nesta época, materialista convicto, imagine qual não teria sido a minha dor.

«Dois meses após esta catástrofe, visitei com minha esposa um médico amigo, igualmente antigo materialista. Digo antigo materialista, porque só muito recentemente fôra atraído para o estudo do Espiritismo.

«Quando me informou da sua evolução espirita, julguei que falava assim para minorar a minha dor. O caso é que, a seu pedido, assisti com minha esposa a uma sessão do grupo espirita de Donai, onde ninguém nos conhecia. Pusemos de lado o fato de luto para não chamar a atenção dos assistentes e lá fomos. Pois o médium disse-nos coisas tais a respeito de minha mãe, falecida em 1918, que a nossa incredulidade desapareceu imediatamente. Depois, o mesmo médium revelou a presença de outras entidades em torno de nós, entre as quais a nossa querida pequenina.

«Levado por tais resultados a estudar esta ciência, imagine se não estaríamos ávidos de saber!

«Em 1927 tivemos uma comunicação de nossa filha e que dizia assim:

«—Mamã, não chores mais. Eu serei substituída por um irmão, no dia 22 de Março de 1928».

«E quando lhe perguntámos se voltaria, respondeu:

POR ÊSSE MUNDO...

Mundo Espirita, do Rio de Janeiro, informa que o conhecido escritor espirita Pedro de Camargo (Viniçius) foi, há pouco, vítima dum acidente muito sério. Felizmente já se encontra livre de perigo e em franca convalescença. *Estudos Psíquicos* congratula-se com o facto de podermos contar, novamente, com o estimado propagandista, para a consecução dos elevados objectivos da Doutrina Espirita.

— A Editorial «Constância», de Buenos Aires, acaba de publicar a obra «Las Noúres», continuação de «A Grande Síntese», do inspirado professor italiano Pedro Ubaldi e ultimamente vertida em português pelo Dr. Guillon Ribeiro, Presidente da Direcção da Federação Espirita Brasileira.

— A Sinagoga Espirita «Nova Jerusalém» e «Cossinha dos Pol-res», de S. Paulo, presididas por J. Trindade, lançaram em 24 de Dezembro último a primeira pedra dum grande Sanatório em Suzano, Município de Moggy das Cruzes. O acto foi revestido de certa solenidade, tendo assistido numerosas pessoas da localidade e arredores. Assistiu, igualmente, uma caravana de espiritas e oradores de várias associações. Foi, em fim, uma retumbante vitória espirita, que nos apraz registar, com grande satisfação.

— Segundo uma notícia de Londres publicada pelo *Revelador* de S. Paulo, a casa mais mal-assombrada da Inglaterra é a residência do vigário duma pequena vila do condado de Sussex e que está à venda por 1.000 libras, incluindo os fantasmas... que, nos últimos quinze anos, não permitiram a habitação ali de qualquer vigário. Mais de 40 cientistas e «espantadores de fantasmas» lá permaneceram muitas noites sucessivas, tentando demover os invisíveis locatários a abandonar a casa, mas tudo foi em vão. Harry Price, da University of London Council for Psychical Investigation declarou que se tratava da «casa mais mal-assombrada da Inglaterra».

«— Talvez, se me fôr possível.»

«Comuniquei o facto a amigos incrédulos, a quem pedi que tomassem nota daquela data. No dia 22 de Março de 1928, isto é, quinze meses depois, nascia-nos um filho.

«¡ Calcule se a nossa confiança não seria absoluta!

«Em 7 de Outubro de 1930, eu próprio recebi uma comunicação de minha filha. Minha esposa esperava novo bebé em fins de Novembro e chorava muito, por lhe haverem predito outro rapaz. A comunicação dizia assim:

«— Mamã, não chores mais. Voltarei em 12 de Novembro. Sou ainda uma menina. Estou ligada.»

«Preguntei a mim próprio o que significaria esta última frase e nada disse a minha esposa, para que ela não fôsse influenciada pelas minhas palavras. O certo é que, no dia 5 de Novembro, às 5 horas da manhã, deu à luz uma menina que trazia uma mancha vermelha junto à nuca, exactamente como a primeira. Compreendi então a explicação da última frase, pois a criança teve à nascença um princípio de asfixia, em

— A União Federativa Paulista resolveu abrir um interessante concurso, intitulado «Livro dos Espíritos». Os concorrentes deverão comentar quatro capítulos deste livro e assinar os comentários com pseudónimo. A leitura das classificações será feita num sábado previamente anunciado, na presença dos frequentadores das aulas daquela Federação e os cinco primeiros classificados receberão um elegante exemplar do «Livro dos Espíritos», de Allan Kardec.

— Há quem preconise a substituição da palavra *Espiritismo* por «heliosofia» e «nova psicossófia», como informam *Evolucion*, de Venezuela, e *Light*, de Londres. A *Evolucion* diz que vai ser publicado um livro acerca daquela substituição por «heliosofia».

— M. Chattey, presidente do Centro Espiritualista Científico de Marselha, fundou um Lar Espiritualista, onde os aderentes do Centro, assim como todos os que sofrem, encontrarão durante a guerra o apóio e o conforto de que necessitam.

— O grande filósofo Henri Bergson acaba de fazer oitenta anos, na cidade de Saint-Cyr-sur-Loire.

— A Hora Espirita Radiofónica continua a exercer a sua actividade todas as semanas, no Rio de Janeiro, sob a direcção de Leopoldo Machado.

— A Federação Espirita Brasileira dispõe, actualmente, de oficinas próprias, onde executa o *Reformador* e as numerosas edições, a cargo da sua excelente e útil Livraria.

— A *Revue Spirite* mudou a Direcção e Redacção para Soual (Tarn), em virtude do estado de guerra em que se encontra a França.

— Em viagem de férias, saiu em fins de Dezembro para o Estado de Minas o infatigável polemista espirita Leopoldo Machado, presidente do Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguassú, tencionando demorar-se em S. Paulo, onde realizará uma série de conferências.

virtude do cordão umbilical se lhe haver enrolado ao pescoço.

«¿ Não é isto extraordinário, como comunicação? ¿ Que dirão a isto os cépticos?

«A nossa querida filhinha tem quasi seis anos e faz-nos lembrar em tudo a primeira, pelas múltiplas reminiscências da sua vida passada, que verificámos, sem que nada deste mundo tivesse contribuído para tal. Tem as qualidades da irmã desaparecida, a mesma bondade, o mesmo físico, as mesmas tendências para a música e as fotografias comparadas, na mesma idade, mostram inteira semelhança.

Declaro, sob palavra de honra, que tudo é rigorosamente exacto e emana dum homem considerado como pessoa equilibrada».

O sr. Charles Brizzolara declara, em *post scriptum*, que autoriza a publicação desta carta, no interesse da verdade e destinada àqueles que possam viver ainda horas tão terríveis, como as que elle e sua esposa viveram.

A publicação está feita e muito folgamos com a circunstância de ser veiculada pelas colunas de *Estudos Psíquicos*

Notas & Comentários

Psicose ...

O sr. Dr. Egas Moniz realizou há tempos uma conferência na Ordem dos Advogados, conferência que intitulou de «Psicoses Sociais» e à qual os jornais deram extraordinário relêvo, atendendo, certamente, à natureza do assunto e à notoriedade do conferente, que falou, por largo tempo, acerca de algumas crenças populares, depois do que passou ao capítulo superstição, para carregar a fundo no Espiritismo, que S. Ex.^a detesta, no uso dum direito que ninguém pensa em lhe contestar.

Nós temos justificada admiração pelo Dr. Egas Moniz, verdadeira glória da medicina, psiquiatra, homem de pensamento e de laboratório, a quem se devem importantes descobertas, cremos que nos domínios da arteriografia cerebral. Merece bem os louvores, que ninguém lhe nega. Em nome, pois, desta admiração por tão distinto sábio, seja-nos lícito perguntar quais e quantos foram os espiritas portugueses e estrangeiros que passaram pelo seu consultório a pedir assistência psiquiátrica.

Se o sr. Dr. Egas Moniz afirma que o Espiritismo é psicose, deve ter fortes razões para assim pensar. Sábio de tal envergadura nunca afirma sem argumentos irrespondíveis. Seria interessante, muito interessante mesmo, que o público fôsse elucidado a respeito e que, em vez de meias palavras ou de palavras dúbias, as estatísticas falassem a linguagem eloqüente dos números, que resistem à crítica de quantos sábios há e não há, debaixo da rosa do sol.

O Espiritismo Científico não teme as apóstrofes do sr. Dr. Egas Moniz, por mais sábio que ele seja. É fácil chamar psicópatas a pessoas, cuja única psicose é buscar a verdade por vias e com instrumentos diferentes dos usados por sábios que falam ex-cathedra, acerca de ciências e doutrinas que não estudaram, por as julgarem indignas de comessinha meditação. De resto, quasi todos os estudiosos que chegaram a conclusões, muitas vezes opostas a princípios estabelecidos que pareciam desafiar a eternidade dos séculos, foram considerados loucos varridos. Assim sucedeu com Stephenson, Arago e Galvani.

Com efeito, não consta que a população dos manicômios aumentasse com a afluência de espiritas, que são indivíduos normais, como quaisquer outros.

O Espiritismo, o verdadeiro Espiritismo, com maiúscula, nada tem que ver com certas capelinhas que vendem talismãs e abusam da credulidade pública. Assume a responsabilidade das suas práticas e ensinamentos e procura demonstrar, experimentalmente, a sobrevivência da alma humana, por métodos conhecidos de muitos colegas de S. Ex.^a. E se não fôsse blasfêmia convidar tão grande sábio a estudar coisa tão insignificante — os sábios saberão tudo?... — faziamos-lhe, humildemente, este convite. Talvez realizasse nova conferência e batesse no peito e exclamasse como o Prof. Richet, depois de haver escarnecido dos fenómenos espiritas:

«— Pater, peccavi!...»

Ou como Lombroso, o grande criminalista italiano:

«— Depois de ter negado os fenómenos espiritas sem os observar, vi-me forçado a aceitá-los, quando as provas mais claras e manifestas caíram sob os meus olhos». Ou como Ochrowski, professor da Universidade de Lemberg: «Quando penso que li as obras de Crooks, acerca dos fenómenos mediúnicos, com o sorriso estúpido que iluminava o rosto dos meus colegas, ao simples enunciado destas coisas, corô de vergonha por mim e pelos outros».

Alexis Carrel, outro colega do Dr. Moniz, diz que «o génio é comparável a um tumor que se desenvolve num organismo normal», acrescentando que «a paixão dalguns indivíduos, a chama da sua inteligência, o seu ideal de ciência, de caridade e de beleza, é que fazem progredir a humanidade». Donde se conclue a dificuldade, mesmo para os grandes sábios da Terra, de provar onde começa a psicose espirita, da invenção do sr. Dr. Egas Moniz, e onde acaba outra psicose bem mais perigosa e que consiste na mania do psitacismo, tendente ao monopólio da Ciência, por certos intelectuais sedentos de mundana glória...

Léon Chevreuil

Mais um pioneiro do Espiritismo que abandona o plano físico, após longa vida de peregrinação e de trabalho. Léon Chevreuil, engenheiro de minas e escritor de largos recursos, foi acérrimo propagandista da nossa doutrina e desempenhou até há pouco tempo o cargo de Presidente da União Espirita Francesa. Era um dos melhores colaboradores de La Revue Spirite e os seus livros impunham-se aos amadores da boa literatura. «On ne meurt pas» obteve o prêmio da Academia Francesa e «Le Spiritisme incompris» esgotou-se rapidamente. O seu autor conhecia os segredos do estilo, aliando qualidades de escritor excelente à sólida cultura que o tornou admirado, mesmo nas fileiras adversas. Foi contemporâneo e amigo de Allan Kardec, de Léon Denis e Gabriel Delanne. Ultimamente, afastou-se da União Espirita Francesa, após a transformação sofrida por esta colectividade, em virtude da demissão de Hubert Forestier do cargo de seu vice-presidente.

Os artigos de Léon Chevreuil corriam mundo, traduzidos em várias línguas. Em toda a parte encontrava leitores fiéis. 1 Grande alma e grande escritor!...

O doce velhinho abandonou o plano terrestre, em demanda da pátria espiritual, onde seria aguardado prazenteiramente, certo de haver cumprido a missão que se impusera. Tinha 87 anos...

Caros leitores: dois minutos de prece votiva pelo grande patriarca do Espiritismo que foi Léon Chevreuil.

Reunião de confraternização

por Estêvão Rodrigues

COMO havia sido anunciado, realizou-se, no dia 14 de Janeiro, pelas 16 horas, no magnífico salão de conferências da Sociedade Teosófica de Portugal, a primeira festa de confraternização promovida pelo Centro Espiritualista Luz e Amor.

Num ambiente de confortável solidariedade e perante grande número de confrades, assumiu a Presidência da Mesa o consócio Vendrell i Mercadall, secretariado pelas antigas Directoras do Centro D. Emília Marques e D. Elisa Lima, a quem a assistência dispensou uma carinhosa recepção.

Usando da palavra, o irmão Presidente proferiu o seguinte discurso :

Meus prezados Confrades

Embora imerecidamente, fui designado para presidir a esta festa de confraternização. Não há dúvida de que sou o menos merecedor de semelhante honra, e a prova disto está no facto de me vêr obrigado a ler estas palavras, com muitas probabilidades de não ser compreendido. Se tal sucede, lendo, imaginai o que não seria, se tivesse de improvisar.

Assim, peço desculpa aos estimados confrades. De resto, como é grande a boa vontade que me anima, quero, em nome de todos os sócios e certo de que interpreto o seu pensamento, felicitar a nossa Direcção pela feliz iniciativa da organização de tão interessantes festas de confraternização espirita.

O nosso Centro E. Luz e Amor não é um Centro novo, visto ter sido fundado em 1923 por valiosos elementos, por espíritos elevados, alguns deles de saudável memória, já desencarnados. Dêles saíram duas obras importantíssimas, as mais grandiosas do movimento espiritualista em Portugal: a fundação da Federação Espirita Portuguesa e a organização do 1.º Congresso Espirita Português, único celebrado em Portugal.

Um Centro que pôde realizar estas obras é porque tinha enorme vitalidade e guias muito elevados. Apesar de tudo, paralisou os seus benéficos trabalhos, em holocausto à sua mais bela criação: a Federação Espirita Portuguesa. Era, porém, tão grande a sua vitalidade, que bastou uma simples chamada, feita 15 anos depois, para conseguir cerca de 400 sócios em poucos meses e todos dispostos para a luta, não luta guerreira, luta provocadora, mas luta contra o materialismo, contra a superstição, contra a ignorância, luta, emfim, espalhando Luz e Amor.

E dêste modo é que, sendo sócios dum velho Centro, somos quasi todos novos sócios e desconhecidos, em grande parte, uns dos outros. Por isso, estas festas de confraternização devem merecer o nosso maior elogio e apóio. Necessitamos de conviver, de nos conhecermos mutuamente, criando laços de amizade e simpatia que unam toda a família que faz parte do nosso Centro, pois essa amizade produz laços de união, de conforto e de mútua coragem para intensificar a propaganda da Ciência, da Moral e da Filosofia Espirita.

Porque cada um de nós deve ser um propagandista do Ideal.

É inútil dizer aqui os graves motivos que obrigam os espiritualistas a intensificar ao máximo a propaganda. Será suficiente lembrar que, hoje mais que nunca, o mundo está a ser avassalado por vagas de imperialismo e materialismo, em que a força impõe a ambição duns tantos ao bem-estar da maioria humana, estrangulando qualquer movimento espiritual e científico. Perante esta grave crise moral, devemos intensificar a propaganda.

Qual o procedimento a adoptar? Todos serão bons desde que se adaptem ao meio e às circunstâncias: Nas nossas conversas familiares, entre os nossos amigos e as pessoas das nossas relações.

Toda a semente espalhada dará os seus frutos. Quem puder e souber, poderá fazê-lo em correspondência, em palestras, em artigos de jornal, nas nossas revistas e nas profanas, que é onde maior colheita poderemos fazer.

Eu posso dizer de mim que sempre, seja onde fôr e com quem fôr, em todas as ocasiões, emfim, faço profissão de minhas crenças espiritas. E por amor à verdade devo dizer que raros, muito raros contraditores tenho encontrado, pois verifiquei que o Espiritismo está latente em todas as camadas sociais. Infelizmente, é olhado com indiferença; e é interessante ver que a Humanidade, tão curiosa em saber o que faz o vizinho do lado e o que faz o seu semelhante da China ou do Polo Norte, não quer saber como e por que vive ele e como continuará a viver depois da morte física. Devemos, pois, interessá-los neste problema.

Sem dúvida que encontraremos sempre a incredulidade do profano, como sucedeu com uns primos meus que, nada sabendo de Espiritismo, assistiram pela primeira vez a uma sessão, realizada em minha casa. E depois de se ter manifestado um irmão dêle que todos ignoravam desencarnado, andaram à procura dos fios com que tínhamos feito mover a mesa...

Mas êstes incrédulos que de tudo desconfiam são mais tarde os adeptos mais entusiastas e convictos.

O maior inimigo da nossa Ciência não é apenas a ignorância; é o medo ao desconhecido.

Em geral, o problema da vida e da morte é demasiado sério e não se está habituado a tão complexas meditações. Não conhecendo o Bem e o conforto que proporciona a comunicação dos espíritos desencarnados, teme-se ou treme-se, ao pensar na circunstância de que aqueles que consideram mortos e bem mortos possam ser vistos e ouvidos, demonstrar o que pensam e manifestar-se objectivamente. Demais, a base das suas práticas religiosas é o temor ao castigo depois da morte, desconhecendo, assim, a lei do progresso moral, evoluçionando sempre pela irradiação do Amor e do Perdão.

Devemos, pois, fazer a nossa propaganda, dando a conhecer a sobrevivência da alma o que ensinam

as religiões, e isto não chocará com o rotineirismo a que estão familiarizados. Uma vez certos da verdade das comunicações dos espíritos, o resto virá pela sua própria dedução.

Para isto, devemos encaminhar os nossos esforços no sentido de que se associem em centros espiritas, realizando assim o primeiro lema do nosso Centro, ou seja: **Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo.**

Outra missão temos a cumprir, missão que devemos ver traduzida em factos pelo nosso Centro, dando, portanto, realização ao segundo dos seus lemas: **Pela União Fraternal da Família Espirita.**

Meus prezados Confrades

A desunião dos adeptos é a mais completa negação do Espiritismo, porque o verdadeiro espirita nunca poderá ter ódio ou rancor a qualquer irmão.

A moral espirita é formada pelos ensinamentos do Cristo de Deus e pelas comunicações dos espíritos elevados — Paz e Amor, Perdão e Caridade! Nestas palavras não cabem rivalidades, nem ressentimentos.

O espiritista deve tê-las sempre nos lábios e no coração, não as esquecendo nunca, porque, no dia em que as esqueça, deixará de ser Espirita, deixará de ser Cristão!

A seguir, o Secretário Geral do Centro deu conta de todos os trabalhos até agora realizados, salientando quanto é próspera e prometedora a vida do Luz e Amor. Incitou os presentes ao estudo e prática da Doutrina espirita, afirmando que só pela comunhão dos pensamentos orientados no sentido do Bem, do Belo e do Verdadeiro e pela união da família espirita, se pode conseguir obra útil e perdurável. Disse que o Centro Espiritualista Luz e Amor, que vem cumprindo, afincadamente e sem desfalecimentos, o programa que se propôs, está em via de ser um dos maiores propulsores do Espiritismo em Portugal, pois em menos de seis meses viu elevar-se o número dos seus filiados a perto de quatro centenas, facto, só por si, bastante elucidativo.

Ponto é que todos desejem êsse progresso, e o orador declara estar convencido de que todos o desejam.

Iniciou-se, então, o programa da festa, com um hino, cantado em cântico pelos componentes do Grupo Familiar N.º 1, hino que muito agradou não só pela toada suave, apropriada ao fim a que se destina — abertura das sessões experimentais — como pelo cuidado com que estava ensaiado.

Seguiu-se a poesia «Ser Espirita», da autoria dum poeta cego, recitada com elevado sentimento pelo consócio Sr. Manuel Tavares.

A distinta pianista, Sr.ª D. Maria Luíza Cunha e Silva, executou, depois, a «Serenata», de Schubert, tendo sido longamente aplaudida, e a Sr.ª D. Maria Odette Sacavém Horta disse a poesia «O Ateu», de Isidoro Duarte Santos, revelando muito apreciáveis dotes de declamadora.

A conhecida professora D. Idalina Leite Pinto cantou, primorosamente, a seguir, a ária «Voi che sapete», de Mozart, e a canção «Felicidade», do compositor brasileiro Barroso Neto, acompanhada ao piano pelo Sr. Dr. António Penco de Almeida, ouvindo longos e merecidos aplausos.

O Sr. Manuel Tavares leu um conto espirita da autoria do confrade brasileiro sr. Leopoldo Machado

e, para fechar a primeira parte do programa, a mesma pianista executou, impecavelmente, o «Momento Musical», de Schubert, e durante o intervalo quiz ter a gentileza de tocar ainda uma composição de Rui Coelho.

* * *

A segunda parte iniciou-se com outro hino, cantado pelos componentes do Grupo Familiar N.º 1, depois do que o confrade Isidoro Duarte Santos proferiu uma pequena palestra subordinada ao título «Um notável fenómeno de clarividência», que interessou vivamente todos os presentes.

Depois de mais algumas poesias ditas pela Sr.ª D. Maria Odette Sacavém Horta, a professora D. Idalina Leite Pinto cantou «Nina», de Pergolese, «Canção dos Abraços», de Herminio do Nascimento e, a pedido, a «Canção dos Beijos», do mesmo autor, ouvindo fartos aplausos.

O Dr. Pedro Dias de Sousa recitou a poesia «Quimera» da autoria de Isidoro Duarte Santos e a pianista D. Maria Luíza Cunha e Silva tocou, com geral agrado, a «Melodia Húngara», de List.

O consócio Sr. Manuel Tavares voltou a recitar algumas poesias e a esplêndida festa terminou com a «Ave Maria», de Gounod, tocada pela mesma pianista.

Depois do Secretário Geral, em nome da Direcção do Centro, ter agradecido a dedicada colaboração de todos os elementos que haviam tomado parte na festa, de manifestar a sua satisfação pela comparência de tão elevado número de confrades e de ter anunciado que a próxima reunião de confraternização se realizará no dia 31 de Março, com uma sessão de homenagem a Allan Kardec, o Sr. Presidente deu por finda a reunião, fazendo votos para que estas festas sejam cada vez melhor compreendidas no seu alto significado e finalidade por todos os espiritas portugueses.

Seja permitido a quem escreve estas linhas congratular-se com tão simpática iniciativa como é esta das reuniões de confraternização e apresentar, em nome de todos os assistentes, sinceros agradecimentos à Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, pedindo-lhe que continue firme e serena no caminho que traçou, para o progresso e prestígio do Espiritismo e união fraternal da família espirita portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número nos poderemos referir aos livros recebidos, da autoria de Márius e do Dr. Lucien-Graux e cuja análise já está composta.

ATENÇÃO

Rogamos a todas as pessoas a quem temos enviado «Estudos Psíquicos» e não queiram ser assinantes o favor de devolver os números em seu poder.

NOTICIÁRIO

Jornais e revistas

Continuamos a receber a visita de jornais e revistas estrangeiras, com os quais mantemos permuta. Hoje, anotamos os seguintes:

O *Revelador*, órgão da União Federativa Paulista; *Constância*, órgão da Sociedade Constância, de Buenos Aires; *Revista Espirita do Brasil*, órgão da Liga Espirita do Brasil; *Annales du Spiritisme Chrétien*, *A Rosacruz*, órgão da Fraternidade Rosacruz em Portugal e *Licht en Waarheid*, órgão da União Espirita *Lux Mundi*, filiada na Federação Espirita Holandesa «Harmonia».

Também recebemos o semanário londrino *Psychic News*, dirigido por Maurice Barbanell.

A todos agradecemos a amável visita, fazendo votos pelas suas prosperidades.

Transcrições e referências

Mundo Espirita, do Rio de Janeiro, transcreveu o artigo «Livre-Arbitrio e Determinismo», do nosso companheiro José Gaita, publicado no 1.º número de *Estudos Psíquicos*.

Também a *Revue Spirite* se referiu ao artigo «Alguns aspectos da Evolução (Do Transformismo)», do Dr. Antônio J. Freire, publicado no mesmo número e aludiu à «criação, em Lisboa, dum grande Centro espirita: «Luz e Amor», com a Velha-Guarda do Espiritismo lusitano» e à notícia do 2.º Congresso Espirita Português, extraída de *Estudos Psíquicos*.

A ambos, os nossos agradecimentos.

A nossa obra

Do comunicado feito pelo Secretário Geral do Centro Espiritualista Luz e Amor, em 14 de Janeiro passado, por ocasião da primeira festa de confraternização, extraímos a parte referente aos trabalhos já realizados pelo mesmo Centro em cerca de seis meses de actividade:

1.º — Reúniu em volta da sua bandeira quasi todos os espiritas da Velha-Guarda e o número dos seus associados caminha já para a quarta centena.

2.º — Publicou dois números da revista *Estudos Psíquicos*, recebidos pela imprensa espirita nacional e estrangeira com inequívocas provas de apreço.

3.º — Lançou a ideia do 2.º Congresso Espirita Português e conta, para a sua efectivação, com o apoio de valiosos elementos marcantes no movimento espirita no nosso país.

4.º — Desde a inauguração dos seus trabalhos, em Novembro de 1939, promoveu a realização de três conferências, sobre pontos fundamentais da Doutrina, e outras três estão anunciadas até o fim do próximo mês de Fevereiro.

5.º — Meteu ombros à criação e desenvolvimento

dos Grupos Espiritas Familiares, de cuja acção muito há a esperar em benefício do Espiritismo.

6.º — Encara já, de forma definitiva, o problema da instalação em sede que corresponda ao desenvolvimento do Centro e possa comportar a sua crescente actividade.

7.º — Já distribuiu, gratuitamente, pelos seus associados, o primeiro folheto de propaganda (*Reencarnação ou Palingénia*), dentro em pouco distribuirá o segundo (*Ensinos Evangélicos em Espirito e Verdade*) e tem pronto a entrar no prelo o terceiro (*Os Fenômenos do Espiritismo*) faltando-lhe apenas a verba necessária à sua composição e impressão.

8.º — Realiza hoje (14 de Janeiro) a sua primeira festa de confraternização e anuncia a segunda para o dia 31 de Março, com uma sessão de homenagem a Allan Kardec.

9.º — Em princípios de Junho realizará a terceira reunião de confraternização, com um passeio aos arredores de Lisboa.

10.º — Já fez as primeiras diligências no sentido de serem representadas pequenas peças espiritas por alguns sócios do Centro.

Julgamos que não se poderá produzir muito mais, em tão curto espaço de tempo...

Os que nos deixam

No dia 27 de Janeiro p. p. desencarnou em Beja o nosso estimado consócio Caetano Martins Bravo, natural daquela cidade. Era empregado na Estação de serviço Gutierrez, onde gozava da estima geral, devido às suas qualidades de carácter.

À família deste malogrado confrade apresentamos os nossos protestos de solidariedade.

— Também nos chegou a notícia de haver desencarnado no Brasil o sr. Marco Arguelles, primeiro delegado da Federação Espirita Portuguesa no Pará. Dedicadíssimo elemento, cujo desinteresse se revelou em todas as emergências, ele próprio preenchia as cotas dos inúmeros sócios que trazia para a Federação. Era sógro do nosso sócio-correspondente no Rio de Janeiro, sr. Antônio José Alves, a quem enviamos os mais vivos sentimentos pela partida de tão esforçado pioneiro.

Caixa de Propaganda

Transporte...	45\$00
Donativo enviado pelo Natal à Federação Espirita Portuguesa e recusado por esta Agremiação...	20\$00
E. M.	2\$00
M. C.	4\$00
Um assinante de <i>Estudos Psíquicos</i>	5\$00
Um casal feliz ...	5\$00
Capitão Estêvão Rodrigues ...	10\$00
Total ...	91\$00

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Transporte	1.150\$00
De M. J. G. do Rio de Janeiro... ..	1.000\$00
De F. M. G. da mesma cidade... ..	200\$00
De Pedro Gonçalves Dias de Sousa	5\$00
Capitão Estêvão Rodrigues	10\$00
Total	2.365\$00

Aos generosos beneméritos, os nossos mais vivos agradecimentos.

Subscrição pró-Séde

Fernando da Cruz Ferreira	1.000\$00
D. Maria Preciosa Trigo	50\$00
José Pereira Serra	100\$00
António Castanheira de Moura ...	100\$00
Total	1.250\$00

Sessões cinematográficas

Em Maio, daremos início a pequenas sessões cinematográficas, destinadas exclusivamente, aos sócios e suas famílias. No próximo número indicaremos os dias e as horas em que essas sessões se realizam.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obrigou-nos a retirar cerca de cinco páginas de original já composto e que serão publicadas a seu tempo.

Colaboração

No próximo número inseriremos um trabalho original do insigne escritor Doutor Lucien-Graux, que nos chegou às mãos já depois de organizado a presente edição de *Estudos Psíquicos*. Esse trabalho, que é da mais flagrante actualidade, intitula-se: «Pela Vitória do Espírito».

As nossas Conferências

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número nos poderemos referir às conferências realizadas pelos srs. Dr. Adriano Vieira Coelho e Fernando da Cruz Ferreira, na sede da Sociedade Teosófica. A estes amigos, pedimos desculpa desta falta involuntária.

Reunião de Confraternização

A 3.ª Reunião de Confraternização promovida pelo Centro Espiritualista Luz e Amor, será levada a efeito no dia 2 do próximo mês de Junho, com um passeio à Quinta do Medlicot, em Cabo Ruivo, obsequiosamente cedida pelos seus proprietários. Durante a permanên-

cia na quinta e antes do almoço, além doutras distrações, serão feitas duas palestras, uma espiritualista e outra naturista. A inscrição é de dois escudos e cinquenta centavos por pessoa, e os pedidos podem, desde já, ser feitos ao Secretário Geral do Centro, Dr. Pedro Dias de Sousa, acompanhados da respectiva importância em selos do correio. Oportunamente, será enviada a todos os sócios uma circular com os pormenores da excursão, horário dos combóios, programa a executar, etc.

Diplomas de Sócios — Cartões de Identidade — Estatutos

Comunicamos aos nossos consócios que iniciaremos, em breve, a distribuição de diplomas de sócio do Centro Luz e Amor, cujo custo é de 2\$00. Também o bilhete de identidade será fornecido ao preço de 1\$00, devendo os sócios estar prevenidos com duas fotografias próprias para esse fim. Os estatutos vão ser editados brevemente e o seu custo é de 2\$00. Para não sobrecarregar demasiadamente os sócios, estas despesas serão pagas em três prestações mensais, com início em Março próximo.

Donativo artístico

Da nossa dedicada irmã D. Cecília de Figueiredo, recebemos um elegante saco de trabalho, em setim de seda bordado, a-fim-de ser vendido pela maior oferta. O produto reverterá, em partes iguais, para a *Caixa de Propaganda* e Fundo de Auxílio a *Estudos Psíquicos*.

Programa dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor, a realizar em Março e Abril

Dia 17 de Março. — Conferência pelo Dr. José Joaquim Gaita, intitulada: *A palavra sem obras não frutifica...*

Dia 31 de Março. — Sessão de homenagem a Allan Kardec, com o concurso de vários oradores.

Dia 7 de Abril. — Conferência pelo Dr. Sebastião Elviro Martins, intitulada: *O problema da Morte*.

Dia 21 de Abril. — Conferência por Fernando da Cruz Ferreira intitulada: *O Espiritismo através das Escrituras Sagradas*.

Atendendo ao pedido de vários consócios que desejam aproveitar os domingos para visitar as famílias, os trabalhos passam a iniciar-se às 21 horas.

A reencarnação é uma ideia cristã destinada à nossa época, uma ideia que Deus mantém sob o veu dos mistérios evangélicos e que, pouco a pouco, se vai revelando ao homem, às almas que dela necessitam.

Senador Tancredo Canónico